



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, ARTES E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO PROFISSIONAL

ENIO JOSÉ MARQUES DA SILVA

DINÂMICAS PRODUTIVAS DO RADIOJORNALISMO SOUSENSE:

UM OUTRO OUVIR SOBRE O SERTÃO

JOÃO PESSOA

2020

ENIO JOSÉ MARQUES DA SILVA

**DINÂMICAS PRODUTIVAS DO RADIOJORNALISMO SOUENSE:
UM OUTRO OUVIR SOBRE O SERTÃO**

Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Mestre em Jornalismo, na área de concentração Produção Jornalística, na linha de pesquisa Práticas, Processos e Produtos Jornalísticos

Orientador: Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva

JOÃO PESSOA

2020

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

S586d Silva, Enio José Marques da.
Dinâmicas produtivas do radiojornalismo sousense: um
outro ouvir sobre o sertão / Enio José Marques da Silva. -
João Pessoa, 2020.
96 f. : il.

Inclui apêndice.

Orientador: Luiz Custódio da Silva.

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCTA

1. Radiocomunicação. 2. Rádio - Sousa, PB. 3. Rádio
educativa. 3. Radiojornalismo. 4. Mídia regional. I. Silva, Luiz
Custódio da. II. Título.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 654.16(043)

Elaborada por Susiquine Ricardo Silva – CRB 15/653

Enio José Marques da Silva

**DINÂMICAS PRODUTIVAS DO RADIOJORNALISMO SOUENSE: UM OUTRO
OUVIR SOBRE O SERTÃO**

Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação
em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba
como requisito para obtenção do título de Mestre em
Jornalismo, na área de concentração Produção
Jornalística, na linha de pesquisa Práticas, Processos e
Produtos Jornalísticos

Aprovada em _____ de _____ de _____

COMPOSIÇÃO DA BANCA DO EXAME DE QUALIFICAÇÃO

PROF. DR. LUIZ CUSTÓDIO DA SILVA

ORIENTADOR – UFPB

PROF^a DR^a GORETTI MARIA SAMPAIO DE FREITAS

EXAMINADORA EXTERNA – UEPB

PROF^a. DR^a. JOANA BELLARMINO DE SOUSA

EXAMINADORA INTERNA – UFPB

JOÃO PESSOA

2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao Senhor Jesus Cristo,
por ter derramado seu sangue por mim.

A minha mãe Maria Gelsa Marques da Silva
(in Memoriam) e ao Meu Pai José Alves da
Silva por todo apoio e incentivo de nunca
desistir dos meus sonhos

A minha irmã Maria Gelsdeny Marques da
Silva, que dá sentido à minha vida e ao meu
irmão Julian Pereira Silva, que me inspira
todos os dias

A minha prima, Camila Nogueira

AGRADECIMENTOS

Este trabalho jamais poderia ter sido realizado sem a ajudinha dos amigos. Ninguém chega a lugar nenhum sozinho. Portanto, se eu tivesse um segundo nome, me chamaria gratidão. Abaixo seguem os meus mais sinceros agradecimentos sem hierarquia de relevância;

Aos amigos Alexandre Pedro, Anderson Fernandes, Aquiles Lima, Armando Abrantes, Daniel Fregni Lins, Francisco Luginho e Rodolfo Rodrigo, amigos que guardo no coração com muito carinho;

Ao amigo artista Jofran di Carvalho pela recepção na sua residência em João Pessoa;

Ao amigo empresário e artista Claudenor Freitas da Silva (Ninô de Deodato), que acreditou no meu trabalho desde o primeiro momento e investiu nos meus estudos. Sem ele não teria sido possível;

À minha amiga professora Janeide Albuquerque Cavalcanti, por toda a colaboração e incentivo para que eu fizesse o processo seletivo do Mestrado;

A todas as equipes que passaram pelo Centro Cultural Banco do Nordeste, pela minha formação humana e cultural;

Ao corpo docente do curso de bacharelado em Educomunicação da UFCG, Graça Amaro, Danielle Andrade, Rosildo Brito, Maíra Nunes, Nina Resende, Mateus Andrade, Lígia Carvalho, Diogo Lopes e Emi Porto, pela oportunidade de aprendizado que me deixou mais apaixonado pela comunicação;

A toda equipe da rádio Educativa 105 FM de Sousa;

Aos professores Abigail Lins, Duilio Cunha, Eliane Lisboa e Mateus Sarmiento, que deram uma olhada no meu pré projeto antes de eu submeter à seleção do Mestrado;

Ao professor Luiz Custódio da Silva, meu orientador que foi como um segundo pai, z pelo meu bem-estar durante toda a jornada acadêmica do Mestrado. Um prazer beber desta fonte do conhecimento jornalístico;

Ao corpo docente do curso de Mestrado da UFPB, Joana Belarmino, Sandra Moura, Zulmira Nóbrega, Cláudio Paiva, Fernando Firmino, Glória Rabay, Paula Paes e claro que não posso me esquecer da Mari, pelos eficientes serviços prestados;

A melhor turma de Mestrado que um estudante poderia ter, Adriana Bagno (mineirinha), Amy (musa do jornalismo móvel), André (grande camarada), Andréa (sapiência em forma de mulher), Camila (menina veneno), Fabiano (quanta sensibilidade), Irene (musa dos rolês aleatórios), Joana (Rosa), Laura (a cada dia me surpreende mais), Vieira (Joker), Saulo (Polivalência das artes), Sueli (sempre caladinha, na dela, mas quando fala...) e Thiago (pior imitador do presidente da república). Ao lado de vocês fui muito feliz;

A todos estes e muitos outros não citados o meu muito obrigado.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objeto de estudo algumas propostas de conteúdo radio jornalístico como alternativa ao que é produzido e veiculado nas emissoras do interior, discutindo o papel cidadão do rádio local e sua contribuição para o desenvolvimento regional. O objetivo é experimentar a reportagem em profundidade como uma nova possibilidade para a prática do jornalismo no rádio sertanejo, abordando outros critérios de noticiabilidade que não os adotados nos programas do alto sertão paraibano. O corpus corresponde a uma série de 4 radorreportagens com temas importantes para o desenvolvimento local e que não tem destaque na mídia regional. Escolheu-se a pesquisa qualitativa através da série proposta, visando averiguar a aceitação do material produzido pela população sertaneja, visando realizar um trabalho que sirva como referência para repensar o radiojornalismo no alto sertão paraibano. As reportagens foram elaboradas seguindo a metodologia de Dama (2008) para a produção de reportagens em rádio com os devidos ajustes. Durante o trabalho constatou-se que a imprensa da região de Sousa, na maior parte das vezes, aborda a editoria de política, destacando o protagonismo ou antagonismo de um político, na medida em que temas relevantes para o desenvolvimento regional são descartados. A convergência midiática do rádio com as plataformas digitais é fator de estímulo para que o rádio atraia novos ouvintes, principalmente o público mais jovem. Por fim, a grande reportagem torna-se um produto educacional contribuindo para a quebra do senso comum do comunicador e do receptor qualificando o debate sobre assuntos de interesse público. Foram abordados conceitos relacionados a: radiojornalismo, grande reportagem, jornalismo de proximidade, noticiabilidade e jornalismo no interior.

Palavras-chave: Rádio – Jornalismo - Jornalismo no Interior – Noticiabilidade – Reportagem

ABSTRACT

This research has as its object of study some presentations of journalistic radio content as an alternative to what is produced and broadcasted on radio stations in the interior, discussing the citizen role of local radio and its contribution to regional development. The objective is to experience in-depth reporting as a new possibility for the practice of journalism on backcountry radio, addressing other newsworthiness criteria that are not adopted in the high Paraíba sertão programs. The corpus corresponds to a series of 4 radio reports with themes that are important for local development and that are not highlighted in the regional media. Qualitative research was chosen through the proposed series, aiming to ascertain the acceptance of the material produced by the Sousa population, aiming to realize a work that serves as a reference to rethink radio journalism in the sertão of Paraíba. The reports were prepared following the methodology of Dama (2008) for the production of radio reports with the necessary adjustments. During the work it was found that the press in the Sousa region, in most cases, addresses the editorial of politics, highlighting the protagonism or antagonism of a politician, insofar as themes relevant to regional development are discarded. The media's convergence of radio with digital platforms is a stimulus factor for the radio to attract new listeners, especially the younger audience. Concepts related to: radio journalism, big reporting, proximity journalism, newsworthiness and journalism in the countryside will be addressed.

Keyword: Radio – Journalism – Interior Journalism – Newsworthiness – Reportage

Sumário

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	09
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOESPACIAL	10
1.1.1. CARTOGRAFIA DO RÁDIO SOUSENSE.	17
1.1.2. DINÂMICAS PRODUTIVAS DO RÁDIO SOUSENSE.....	20
1.1.3. RÁDIO EDUCATIVA 105 FM.....	21
1.1.4. HISTÓRIA DO RÁDIO EM SOUSA.	23
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
2.1. JORNALISMO NO INTERIOR.....	26
2.2. JORNALISMO DE PROXIMIDADE.....	29
2.3. RADIOJORNALISMO: POTECIALIDADES EDUCOMUNICATIVAS.....	32
2.4. CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE.	35
2.5. JORNALISMO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	37
3. PRODUTO MIDIÁTICO.	42
3.1. RADIORREPORTAGENS	41
3.1.1. REPORTAGEM ESPECIAL E DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.	43
3.2. ENTREVISTA RADIOFÔNICA.	45
3.3. PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS.	47
4. CONSIDERAÇÕES	
FINAIS	68
APÊNDICE A.....	85

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Mais de um século após o seu surgimento, o rádio contraria as previsões sobre a sua extinção e se consolida como um dos meios de comunicação que resiste às mudanças tecnológicas e sociais. E aparenta não entrar em declínio diante da concorrência com as Tecnologias da Informação e Comunicação, embora os processos produtivos na mais antiga das mídias eletrônicas sejam impactados pelo novo cenário midiático.

O rádio é um meio de grande apelo popular, sobretudo em cidades do interior que não possuem emissoras de televisão tradicionais para fazer cobertura das notícias locais. É uma mídia de grande penetração, pois tem capacidade de envolver o ouvinte enquanto este se dedica às atividades do cotidiano. Além disso, a radiofonia se diferencia dos outros meios pelo alcance a lugares ainda inacessíveis a outras mídias, capacidade de instantaneidade e facilidade de comunicação com as pessoas.

O foco do presente projeto é experimentar através da produção de uma série de reportagens radiofônicas, algumas propostas de conteúdos jornalísticos como alternativa ao que é produzido e veiculado nas emissoras de rádio da cidade de Sousa, no alto sertão paraibano, discutindo o papel cidadão do rádio local e sua contribuição para o desenvolvimento regional.

Para fazer este contraponto, alguns aspectos do modo como se faz rádio nesta região precisam ser apontados. O primeiro é que a maior parte dos programas jornalísticos são voltados para as camadas menos favorecidas da sociedade, abusando da linguagem popularesca e da vulgarização dos fatos. O segundo fator é a escolha das pautas selecionadas para se tornar matérias. Na maior parte das vezes, estas pautas abordam o protagonismo ou antagonismo de um político, em conformidade com os interesses da emissora, ao passo que temas importantes para o desenvolvimento regional são deixados de lado. O terceiro aspecto, é a falta de cuidado com o tratamento dado às matérias, pois os apresentadores transmitem o senso comum ao opinar sobre determinados assuntos, oferecendo ao ouvinte sua visão da realidade como se fosse a verdade absoluta. O quarto e último ponto é a participação popular realizada por telefone e redes sociais que em certas ocasiões é utilizada para dar um tom jocoso aos programas e tirar a responsabilidade do apresentador de determinadas declarações.

A escolha da temática se deu pela minha vivência na área de radiojornalismo pela Rádio Educativa FM, sediada em Sousa. Diante da experiência como repórter, percebo a relevância de pesquisar este vasto campo, buscando a possibilidade de enriquecer a bagagem acadêmica e profissional, bem como, apresentar a importância de uma cobertura jornalística cidadã e comprometida com a ética, principalmente nas emissoras educativas e comunitárias.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOESPACIAL

Situada no Polígono das Secas, região do semiárido nordestino, Sousa é uma das maiores cidades do estado da Paraíba. De acordo com o IBGE (2010), a população estimada é de 69 mil habitantes. O município se estende por uma área de 738 km². É o 3º maior território da Paraíba, representando 1,50% de superfície total do estado. A produção algodoeira e a Estação Ferroviária foram fatores preponderantes para atração de estabelecimentos industriais, resultando em um polo de concentração de indústrias do estado. Sua área de polarização compreende 8 municípios: Aparecida, Lastro, Marizópolis, Nazarezinho, Santa Cruz, São Francisco, São José da Lagoa Tapada e Vieirópolis. (RODRIGUEZ, 1997).

Aspectos Físicos - A maior parte do território sousense está inserido em bacia de origem tectônica, cujo relevo apresenta-se plano. Está inserido na unidade geoambiental da Depressão Sertaneja, que representa a paisagem típica do semiárido nordestino. A cobertura vegetal é basicamente composta por plantas nativas da caatinga: pereiro, facheiro, jurema-preta e xique-xique.

Aspectos Hídricos - De acordo com Mascarenhas et al. (2005), Sousa é banhada pelos rios Piranhas e Rio do Peixe que próximo a Barragem de Acauã desagua no Piranhas. O rio Piranhas tem suas águas represadas nos açudes de Engenheiros Ávidos - Boqueirão (255.000.000 m³) e São Gonçalo (44.600.000 m³). Os principais reservatórios do rio do Peixe são o açude de Pilões(7.000.000m³) e a Barragem de Lagoa do Arroz (80.388.537m³);

Conforme Ferraz (2013), desde que foi identificada a existência de petróleo na Bacia do Rio do Peixe, a Petrobrás e as empresas que arremataram os blocos de exploração, não

extraíram comercialmente petróleo em decorrência da queda dos preços do barril e a exploração do pré-sal. Não há informações mais precisas e, até o momento, tudo está em fase de estudo com equipes vindo a Sousa periodicamente.

Segundo Abrantes (2015), os serviços de água, esgoto e saneamento do município de Sousa são geridos pelo Departamento de Águas, Esgotos e Saneamento Ambiental (DAESA) da prefeitura de Sousa, criado em maio de 2004. Antes da criação deste órgão, a prestação destes serviços era efetuada pela Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (CAGEPA) pertencente ao governo do estado.

A dinâmica atual de distribuição de recursos hídricos e coleta de esgotos no município, pode ser descrito da seguinte maneira: o DAESA usufrui de todas as tubulações da CAGEPA para captação de água, além de realizar o tratamento para oferta da população. O departamento municipal controla a manutenção das redes de água e esgotos da cidade e realiza a cobrança pela prestação destes serviços. No entanto, a autarquia municipal não estaria pagando nada à concessionária do Estado pelo tratamento da água. Estima-se que o débito do DAESA ultrapasse 40 milhões de reais, estando no topo da lista de devedores da CAGEPA.

A municipalização dos serviços de saneamento básico na cidade de Sousa, surgiu com o propósito de promover uma melhor prestação destes serviços na esfera local, de forma a expandir a rede de abastecimento de água e a coleta de esgotos às zonas mais carentes, na medida em que as receitas arrecadadas com a cobrança das tarifas, seriam reinvestidas no próprio sistema tornando-o autônomo e autossustentável. Todavia, a autarquia municipal não se beneficia desta arrecadação, na medida em que dispensa a cobrança pelos serviços prestados, proibindo o corte por inadimplência. (ABRANTES, 2015)

Outra peculiaridade existente em Sousa, é o fato de o DAESA não gerenciar o manejo dos resíduos sólidos, transferindo esta tarefa para a Secretaria de Infraestrutura, que por sua vez, negocia com empresas a coleta e a disposição final destes resíduos em aterro sanitário privado.

Para piorar as estatísticas do gerenciamento adotado pelo DAESA, os serviços de esgotamento do Município são ineficientes, pois os esgotos produzidos são depositados diretamente no Canal do Estreito que corta todo o trecho urbano da cidade a céu aberto. A princípio, este canal teria o propósito de drenar água da chuva, em conformidade com

Abrantes (2015). A propósito, em 2010, Sousa apresentava 66.4% de domicílios com esgotamento sanitário adequado. (IBGE, 2010)

Aspectos Sociais - Em 2016, o salário médio mensal dos trabalhadores formais em Sousa era de 1.6 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 14.8%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 44% da população nessas condições. (IBGE, 2016)

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) em Sousa é 0,668, em 2010, o que situa esse município na 9ª posição entre as cidades da Paraíba. A esperança de vida ao nascer aumentou 14 anos nas últimas duas décadas, passando de 59,8 anos em 1991 para 66,9 anos em 2000, e para 73,84 anos em 2010. O número de alfabetizados com idade igual ou superior a 10 anos é de 38.194 o que corresponde a uma taxa de alfabetização de 74,2%. A renda per capita média de Sousa cresceu 160,87% nas últimas duas décadas, passando de R\$170,13 em 1991 para R\$289,34 em 2000 e R\$443,81 em 2010. (IBGE, 2010a)

A cidade possui instituições de ensino superior e profissionalizantes, como um campus da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), um campus do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), UNOPAR, UNIP, SESI e SENAI.

Aspectos Econômicos - A cidade de Sousa teve sua origem na expansão da área de mercado pelo interior do Nordeste; primeiro pela intensificação da pecuária nordestina, por meio dos chamados caminhos do gado. Em seguida, com a pujança na produção algodoeira assumindo posição relevante para a comercialização do algodão do “Alto Sertão da Paraíba”, em direção a Campina Grande. (CLEMENTINO, 1995)

Com o declínio do ciclo do algodão¹, Sousa perde seu principal produto primário, e acaba enfrentando problemas com a baixa incidência de chuvas e ocorrências frequentes de seca.

¹ O ciclo do algodão decorre da Guerra de Secessão Norte-Americana (1860-1875), que impediu os Estados Unidos de exportar o produto para a Inglaterra, favorecendo o comércio algodoeiro do Brasil para a Europa. Anos mais tarde, aconteceu o declínio da monocultura algodoeira, em decorrência da concorrência estrangeira e a consequente diminuição do preço da pluma e dos derivados do algodão no mercado internacional, aliado ao surgimento da “praga do bicudo”. (CARVALHO,1986)

No começo da década de 1970, um indício de desenvolvimento e enfrentamento a períodos de estiagem, surge às margens do açude de São Gonçalo, o Perímetro Irrigado de São Gonçalo (PISG) que até hoje, possibilita aos agricultores, a produção de gêneros alimentícios e fruticultura, seja para o desenvolvimento de atividades agropecuárias, comércio ou subsistência. Destaca-se a plantação de coco, que movimenta um grande comércio cujo destino são outros estados da federação, como: São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Esta cultura tem crescido nos últimos anos, porém com as dificuldades advindas da seca a produção vem caindo, conforme nos relata Soares (2013).

Já com relação à economia do Município de Sousa, Mascarenhas et al. (2005) esclarece que a mesma se sustenta através da agropecuária, do comércio e da indústria. Sousa está na 8ª posição em arrecadação de ICMS em relação ao estado, com uma arrecadação média de 1.418.647,77 mensais. No Ramo industrial Sousa se destaca como uma das cidades mais industrializadas da Paraíba com pouco mais de 164 indústrias na área de laticínios, café, vela, cerveja, sabão, doce, produtos de metal entre outros produtos.

Em 1998 o projeto do atual PIVAS (Perímetros Irrigados das Várzeas de Sousa e Aparecida) tem suas obras iniciadas. Porém, segundo Valéria Lima (2009) apenas em 2007 começa a funcionar após a divisão dos lotes. Dos cerca de 4.400 ha de terras usadas no projeto, 2.309 ha foram licitadas à empresas que promovem uma agropecuária científica e de base tecnológica, com a produção de algodão, frutas, ovinos orgânicos, milho e sorgo; 992 ha foram cedidos a 178 camponeses e camponesas que desenvolvem uma diversidade de hortaliças e gêneros frutíferos ou praticam à ovinocultura e 1.007 ha foram destinados para fins de reforma agrária. Atualmente se encontram instalados dois assentamentos totalizando 141 famílias.

Aspectos Turísticos e Culturais - Segundo Ferraz (2013) o Vale dos Dinossauros, compreende uma área de 700 km² e abrange Sousa e mais 10 municípios da região. São aproximadamente 30 localidades em que se registram pegadas fossilizadas de mais de 50 espécies em cerca de 20 níveis estratigráficos² conservadas pela fossilização de arenito e lama petrificada.

² A estratigrafia é o ramo da geologia que estuda os estratos ou camadas de rochas, buscando determinar os processos e eventos que as formaram

Outro atrativo descrito por Ghilardi et. al, (2016) é a nova descoberta desses animais pré-históricos: fragmentos fossilizados da fíbula da perna do que seria uma nova espécie de titanossauro, que viveu na Bacia do Rio do Peixe há cerca de 136 milhões de ano.

Porém a conservação dos registros fósseis está ameaçada pelo processo de erosão e pela pisada de gado que pasta na localidade. Segundo os pesquisadores, procedimentos de prevenção de desgaste devem ser tomados, caso contrário, entre 3 a 8 anos não haverá mais pegadas no local,

Um dos pontos turísticos mais atraentes da região é o açude de São Gonçalo, distante 15 km da sede do município. Foi construído em 1934 durante a presidência de Getúlio Vargas, sendo inaugurado em 1936. O açude faz parte do complexo hídrico do Perímetro Irrigado de São Gonçalo. (SOARES, J. 2013)

Muitas belezas naturais acolhem o turista que pode apreciar o pôr-do-sol. Na sede do complexo, onde está o açude, pode se ver a edificação do hotel e restaurante “Catete” construído na década de 30, palco da visita de autoridades como o ex-presidente Getúlio Vargas, durante a construção do Perímetro; e o restaurante “O Mirante” instalado na parte mais alta do açude em local que na época denominava-se de “Casa de Pólvora” por ser depósito de explosivos. A gruta onde foi entronizada a imagem de N.S. de Lourdes, na década de 20 e a igreja de São Gonçalo, são outros atrativos. (SOARES, J. 2013)

Na área periférica de Sousa, há também uma comunidade de ciganos do grupo dos *Calons* que, por questões de sobrevivência, deixou de lado o nomadismo e fincou raízes no local há mais de 30 anos. Embora faltem dados oficiais sobre a quantidade de habitantes, é formada por cerca de duzentas famílias e considerada a maior comunidade cigana do Brasil. Quanto às carências sociais, verifica-se a falta de acesso à educação, as moradias em casas de taipa, a falta de saneamento básico e os empecilhos para emissão de documentações imprescindíveis ao pleno exercício da cidadania. “Desqualificados profissionalmente e hostilizados pela população local, restavam-lhes, com raras exceções, profissões subvalorizadas e de curta duração.” (SIQUEIRA, 2012, p. 17).

No ponto mais alto da cidade, denominado serrote da benção de Deus, na estrada para o Lastro, há 3 km da Sede, está erguida uma estátua de aproximados 6,50 metros, construída em 1976, em homenagem a Frei Damião, tornando-se ponto de afluência de seus devotos. (ALMEIDA, 1977).

Imprensa local - A cidade possui 5 emissoras de rádio FM e 1 AM (em fase de migração para FM) além de contar com 6 portais de notícia e um escritório da TV Paraíba (afiliada da Rede Globo de Televisão). Não existem estudos que analisem o trabalho da imprensa nesta cidade, nem com relação à produção de conteúdo tampouco a respeito da formação profissional.

Apesar da grande quantidade de veículos de comunicação, não há instituições de Ensino Superior ou Técnico para capacitar os profissionais de mídia da cidade sertaneja. As faculdades de jornalismo mais próximas ficam em Patos (a 130 km de distância), trata-se de uma particular, a Faculdade Integrada de Patos. Em 2019, foi instalada uma unidade da UNINTER na cidade de Cajazeiras (a 40 km de distância) que oferece o curso de graduação em jornalismo na modalidade EAD.

Sousa não possui nenhuma entidade que procure assegurar os direitos dos profissionais de imprensa e a formação técnica e científica desses trabalhadores. A Associação Souseense de Imprensa está desativada desde a década de 1980. O Sindicato dos Radialistas não promove ações concretas que visem beneficiar à categoria, restringindo-se apenas à emissão do Registro Profissional que acontece esporadicamente sem nenhum curso de capacitação que a preceda. E por fim, a Associação Paraibana de Imprensa só aparece no município nos períodos de eleição da entidade, não garantindo ao associado do interior nenhum tipo de benefício. Diante desse cenário, estamos propondo também preencher essa lacuna, com reflexões acerca do trabalho da mídia em Sousa.

As emissoras de rádio do município sertanejo, não têm interesse na contratação de radialistas com carteira assinada. As empresas radiofônicas passaram a alugar espaços na programação por um preço exorbitante, em detrimento dos profissionais sindicalizados, contribuindo para a precarização da profissão. Este fator prejudica na qualidade dos programas, já que comunicadores que tenham recurso financeiro suficiente para comprar o horário terão prioridade independente dos conteúdos que irão produzir. No caso dos programas informativos, a ética jornalística fica completamente comprometida, tendo em vista, que para arrecadar quantia suficiente para o pagamento das despesas com aluguel, será necessário fechar parcerias com políticos. Outro entrave para os repórteres, é a preocupação em conseguir patrocínios para manter o programa, que acabam tomando o tempo de se produzir uma boa matéria.

Na região de Sousa o rádio ainda é o meio mais eficiente de anunciar propagandas, além de ser fonte de entretenimento, constitui-se em um instrumento de participação popular. O rádio atua como se fosse um canal que medeia a prefeitura, a edilidade e os órgãos do judiciário às casas das pessoas.

Seguindo o modelo de concentração midiática vigente no Brasil, a maior parte das empresas de radiodifusão de Sousa tem como concessionários poucas famílias atreladas a interesses políticos: Coura, Gadelha e Pires. Já a rádio comunitária da cidade que deveria servir como um canal de comunicação dedicado exclusivamente à comunidade, desvirtua seu propósito ao funcionar alinhado com os grupos políticos do município de acordo com a conveniência do momento.

Segundo Mesquita a função desempenhada pela Comunicação leva a um processo de transformação formada através da mobilização e do diálogo. “E nesta perspectiva o rádio assume um importante papel na construção do desenvolvimento local, à medida que contribui para levar para a comunidade discussões que impulsionem esse processo de mudança.” (MESQUITA, 2016, p. 112)

Para tornar uma localidade desenvolvida é preciso descobrir uma potencialidade e identificar seu diferencial em relação às demais localidades. Mas isso não é suficiente. É necessário que uma série de condicionantes, seja estimulada para a efetivação de uma justiça social, conforme observa Franco (2000).

O desenvolvimento local é um modo de promover o desenvolvimento que leva em conta o papel de todos esses fatores para tornar dinâmicas potencialidades que podem ser identificadas quando olhamos para uma unidade socioterritorial delimitada (FRANCO, 2000, p. 31).

A preocupação do autor está focada na carência de acesso à renda, à educação de qualidade e a participação política por parte da população, isto é, o nível de desenvolvimento não está relacionada à obras faraônicas, grandes edifícios e monumentos, porque “cidade desenvolvida é cidade boa para se viver e não cidade grande” (FRANCO, 2000, p. 35). O grande gargalo do desenvolvimento é suprir as necessidades atuais sem comprometer o amanhã.

Assim, o jornalismo emerge como uma importante contribuição na medida em que pode pautar discussões de temáticas que estejam intrinsecamente relacionados com o desenvolvimento local colaborando para o processo mobilização da opinião pública. É neste sentido que surge este trabalho que reúne considerações sob a perspectiva de um

comunicador, distanciado de sua realização, para lançar um olhar analítico sobre questões em torno do seu fazer (o produto).

1.1.1 CARTOGRAFIA DO RÁDIO SOUSENSE

A Sousa 104 FM se orgulha do fato de ser uma das emissoras mais ouvidas e acessadas da Paraíba. Segundo dados do site rádios.com, a emissora sousense ocupou durante o período de 9 a 23 de setembro de 2019, a quarta posição nas estatísticas das mais acessadas do estado. O carro-chefe da programação é o programa FM Alerta apresentado pelo radialista, Ademar Nonato, desde 1997. Ademar Nonato foi diretor administrativo da 104 FM ao arrendá-la de sua irmã, Lúcia de Fátima Coura, que por sua vez é viúva do fundador da rádio, Tico Coura. Com uma linguagem popularesca, o FM Alerta é referência para a produção de outros noticiosos da cidade. A pauta do programa muitas vezes é montada durante a apresentação do jornalístico, utilizando a participação do ouvinte por telefone para abordar alguns temas. Quando o participante não coaduna com o pensamento do apresentador, sua ligação é interrompida imediatamente e ainda será alvo de severas críticas sem o direito de defesa. É perceptível a exploração do pitoresco como forma de atrair a audiência, seja através da espetacularização das pessoas da cidade, seja através do ataque às minorias sociais. Este é o único programa da grade que não paga aluguel pelo horário.

Não são raros os momentos em que o apresentador usa da picardia para atrair a audiência. Outra situação corriqueira é o julgamento que os apresentadores realizam em cima das denúncias. Primeiro eles acusam e o acusado que se desdobra para ligar para o programa para se defender. O bom jornalismo ensina que o contraditório deve ser escutado antes de qualquer notícia ser publicada ou ir ao ar.

O Bom dia Sertão, começa às 7h da manhã, com apresentação de Gilberto Videres. O âncora é veterano na radiofônia sousense, e utiliza o seu espaço para defesa dos interesses da atual administração do município. Videres está lotado na secretaria de comunicação do estado da Paraíba. Em seu programa, o ouvinte não pode discordar de seus posicionamentos. Ele

também é proprietário de um portal de notícias: oberadeiro.com. O radialista abusa do popularesco, do vulgar, e não faz muito esforço para esconder sua parcialidade.

Às 17h entra no ar o programa “Repórter PB no Rádio”, comandado pelo apresentador Pereira Júnior. Um Talk Show que se apresenta como uma extensão do site “Repórter PB”, uma das plataformas mais acessadas do estado. De modo geral, tanto o programa quanto o site prestam serviço de assessoria a políticos, prefeituras e empresas. As entrevistas servem como uma forma de criar laços com os parceiros/anunciantes.

No sábado, em um horário paralelo ao ‘FM Alerta’, é a vez do Programa Thalles Gadelha. Thalles é formado em direito pela UFCG, foi vereador e vice-prefeito do município de Sousa, filho do ex-prefeito Nicodemos de Paiva Gadelha e irmão do atual vereador Cacá Gadelha. Ele é comentarista político, tem expertise na editoria de política e realiza análises de conjuntura de acordo com a sua linha de pensamento. Sua linguagem é rebuscada utilizando léxicos que não estão no vocabulário do cidadão comum, porém abusa de um tom inflamado. Embora muito cortês, as vezes perde a compostura utilizando palavras de baixo calão.

A maior concorrente da Sousa 104 FM é a Líder 97 FM, do grupo Gadelha. Os Gadelhas são uma família tradicional da cidade de Sousa, que se destacam no ramo político e empresarial. Entre as lideranças da família podemos citar Marcondes Gadelha, ex-senador da república e atual presidente do PSC da Paraíba, Buega Gadelha, atual presidente do FIEP/PB e Dalton Gadelha, proprietário da UNIFACISA, da TV Itararé e da Rádio Cidade Esperança de Campina Grande.

A programação da Líder 97 FM começa com o programa Cidade Notícias, que tem como âncora, o apresentador Levi Dantas. Este programa tem uma formalidade maior do que as produções radiojornalísticas de sua rival. Levi tem 25 anos de carreira e seu projeto é uma produção independente. Ele também tem um blog e uma agência de publicidade que já foi licitada na gestão do ex-prefeito de Sousa, Salomão Gadelha (In Memoriam).

O Radar Líder é o noticiário mais antigo do rádio sousense ainda em execução. O idealizador deste projeto é o comunicador Ruy Dantas e foi o programa mais escutado da cidade na década de 1990. Com a saída de Ruy, vários apresentadores se sucederam no seu lugar, mas nenhum com o mesmo prestígio. Em novembro de 2019, o programa foi cancelado pela superintendência da rádio por veicular entrevistas do prefeito no horário. Em janeiro de 2020, o horário que tradicionalmente fazia parte da grade da emissora foi cedido para o Sindicato Dos Comércioários de Sousa que mantiveram o nome do jornalístico.

A Hora do Muído é um programa independente de rádio que tem uma linha diferente dos demais programas da emissora. Este noticioso tem um caráter descontraído e sensacionalista, tratando o alvo da crítica de forma bastante vulgar e pejorativa. O apresentador, Willame Soares, começou sua carreira em Patos como disk-jóquei³ no período da ascensão das FM's. Ele usa alguns bordões que denotam o programa como um espaço de defesa do povo: “Hora do Muído - Pau que dá em Chico, dá em Francisco” ou “Hora do Muído – Sem medo nem do medo”. A participação do ouvinte é respeitada deixando que ele complete a ligação mesmo que não concorde com a linha editorial do programa.

Aos sábados, a Líder FM, apresenta o programa “Outras Palavras”, com apresentação de Leonardo Alves. O radialista também é ativista cultural, diretor de cinema, coordenador de um festival de audiovisual e ex-gerente da 10ª Gerência Regional de Cultura. Esta produção radiofônica realiza entrevistas com especialistas de diversas áreas e pessoas proeminentes.

Uma das rádios FM que deveria atender aos interesses da comunidade seria a Associação Comunitária de Rádiodifusão Sousense. Com o nome fantasia de Sousense FM, a emissora atua como nos moldes das empresas de radiodifusão comercial. Por lei, as rádios comunitárias devem ter uma potência máxima de 25 Watts e cobertura restrita a um raio de 1km; não podem receber patrocínio comercial direto, apenas "apoio cultural"; deve estimular a participação ativa das pessoas da comunidade e não promover o favorecimento de agentes políticos. A Sousense FM está na contramão de toda a legislação vigente sobre as rádios comunitárias. O dirigente da emissora, Gil Silva, é um comunicador de longa carreira na radiofonia de Sousa. O programa Perfil, único jornalístico da rádio tem espaço aberto para as camadas populares, porém presta serviços de publicidade a políticos. É apresentado pelo filho do presidente da associação, João Antônio. O âncora tem um notório saber na área política e é proprietário de um site destacado nacionalmente. Segundo reportagem da Veja, João Antônio, em novembro de 2018, faturou 2 204 dólares (cerca de 7 200 reais), com publicação de Fake News na internet.

A Rádio Progresso é uma estação que pertence ao deputado estadual Lindolfo Pires. Única emissora que ainda funciona em amplitude modulada (AM), a rádio está em fase de transição para FM. O único informativo da grade é o Jornal da Manhã apresentado por George Wagner e Afonso Webe. O jornal é bem elaborado com apresentação formal dos seus locutores e pautas importantes da cidade. O ouvinte também tem espaço necessário para se

³Apresentador de programas musicais

expressar, sendo o público deste noticiário, os moradores do campo. Contudo, os âncoras do programa sofrem constrangimento por parte do deputado e dos seus aliados, não podendo criticar ações mesmo que equivocadas, exercidas por este político. Webe que também trabalha na Educativa 105 FM exerce cargo comissionado na Secretaria Municipal de Comunicação Social na função de assessor de imprensa.

A Max Correio FM não tem atualmente nenhum programa do gênero informativo na sua grade que seja produzida em Sousa, apenas retransmissão dos jornais da matriz da Correio FM, em João Pessoa. Já a rádio Jornal AM fechou as portas no final de 2018, com promessa de retorno em frequência modulada. As duas emissoras são pertencentes ao grupo Gadelha.

1.1.2 DINÂMICAS PRODUTIVAS DO RÁDIO SOUSENSE

As rádios de Sousa adotam uma grade estandardizada com uma programação voltada majoritariamente ao público adulto. As emissoras FM's e AM's da cidade oferecem aos seus ouvintes: música, informação, prestação de serviço e entretenimento, com estilo predominantemente popular.

Embora Sousa possua grandes empresas, algumas delas com setor de marketing, a maioria desses empreendimentos não tem planejamento estratégico para colocar o seu produto ou serviço em evidência no rádio. A maior parte do bolo publicitário está concentrado nas duas emissoras de maior audiência do município: a Líder FM e a Sousa 104 FM, especialmente no programa FM Alerta. É preciso considerar que a maior parte dos horários das emissoras são locados. Isto implica dizer que o teto para custo de comercial das emissoras de menor audiência está subordinado ao valor cobrado pelas emissoras mais escutadas. Uma prática muito recorrente nos programas locados é a venda do comercial por um valor abaixo da tabela. Esta ação impacta negativamente nas emissoras com audiência menor, uma vez que a concorrência desonesta desvaloriza a grade de programação dessas estações.

A Sousa 104 FM e a Líder FM possuem contatos comerciais que trabalham com carteira assinada, porém o vendedor é também locutor e operador. Eles têm em média 20% de comissão sobre as vendas e, com essas negociações, tem um acréscimo de renda. As produções independentes também têm contatos comerciais que trabalham apenas pela porcentagem em cima do comercial. São eles os responsáveis pela venda de anúncios abaixo do valor de mercado. Um grande diferencial para a venda de publicidade no rádio é possuir uma relação interpessoal com os empresários da cidade.

1.1.3 RÁDIO EDUCATIVA 105 FM

As emissoras de rádio educativa têm por finalidade a produção de programas voltados à educação. Essas rádios não possuem finalidade comercial e são mantidas por instituições de ensino superior, associações ou pelo governo federal, estadual e municipal. Seu objetivo é a divulgação do conhecimento e a formação cidadã e intelectual do ouvinte, alinhada a uma linha editorial própria de cada entidade. Em suma, de acordo com o Ministério das Comunicação, o serviço de radiodifusão, seja no rádio ou na televisão consiste em:

Transmissão de programas educativo-culturais, que, além de atuar em conjunto com os sistemas de ensino de qualquer nível ou modalidade, vise à educação básica e superior, à educação permanente e à formação para o trabalho, além de abranger as atividades de divulgação educacional, cultural, pedagógica e de orientação profissional. (FORT, 2005, p. 96)

As rádios educativas podem ser o canal adequado para que as instituições de ensino e pesquisa possam popularizar as pesquisas científicas e tecnológicas produzidas na esfera acadêmica, além da educação e cultura, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida, educação e cultura do espectador. José Reis, um dos principais estudiosos do Jornalismo Científico no Brasil ressaltava:

A divulgação científica tem papel especial, em países pobres e subdesenvolvidos, com tanta gente sem escola ou precocemente fora dela, porém ávida de saber, ou de ascender por esse meio pode exercer, pela divulgação científica ou por outras formas de disseminação do conhecimento, um magistério de insuspeitadas possibilidades. (MASSARINI, 2018, p. 50).

Com relação à publicidade, a lei permite a inserção de pequenos textos no decorrer da programação da emissora de forma não explícita, isto é, apenas é possível mencionar o nome da empresa, endereço, slogan e telefone, diferenciando-se de uma publicidade tradicional. Não é permitido a divulgação de bebidas alcoólicas e cigarro. É vedado o anúncio de preços dos produtos, assim como, estimular a concorrência definindo o anunciante como “o melhor” ou “o mais barato”. A publicidade convencional, portanto, não é permitida em emissoras de cunho educativo, como é o caso da Rádio Educativa FM de Sousa, na qual trabalho desde 2015.

A Rádio Educativa 105 FM é uma emissora que oferece em grande parte de sua grade, programas de caráter musical que são executados diariamente e programas educativos que vão ao ar semanalmente. O repertório tem foco na MPB, música internacional, canções religiosas e música alternativa

Foi oficialmente inaugurada no ano de 2004 pela Fundação Bento Freire de Sousa, uma empresa de direito privado sem fins lucrativos, mas por motivos indefinidos ficou inativa durante alguns anos, retornando as transmissões definitivamente em 2012.

A emissora tem uma audiência cativa, principalmente nas classes A e B. A participação por telefone é muito restrita. Acreditamos que seja pelos conteúdos que são veiculados na programação, levando-se em consideração que não se executa a música do momento e não há programas apelativos e nem sensacionalista. A interação das pessoas é mais frequente nas redes sociais como o instagram, o facebook e o whatsapp.

Embora, a Educativa FM possua dois jornalistas - no regime de voluntariado - com graduação, a grade de programação não possui um jornalismo diário, pois as condições econômicas da emissora não favorecem a produção de um noticiário. Por ser uma empresa sem fins lucrativos, nenhum locutor recebe salário, todos trabalham no regime de voluntariado. Os apoios culturais são poucos tanto devido à concorrência desleal com as emissoras comerciais da cidade como pelas restrições feitas pela legislação das rádios educativas. Assim, desde 2015, a 105 FM leva ao ar, nas manhãs de sábado o Jornal da Educativa (conhecido por JE), apresentado por Enio Marques e Afonso Webe.

O Jornal da Educativa possui em média 2 horas de duração, organizados em quatro blocos, e é o principal produto da emissora em termos de programa informativo indo ao ar nas manhãs de sábado. O noticiário procura apresentar conteúdo voltado para debate sobre a cidadania. O jornalístico também destaca notícias que privilegiem o ouvinte e suas demandas

O programa radiojornalístico opta por assuntos que afetam diretamente o cotidiano do ouvinte, seja factual, como problema na coleta de lixo, problemas nas unidades básicas de saúde, porém, também enaltece a divulgação do conhecimento científico, dicas de saúde e cidadania e a preservação da memória.

O JE nasce de uma reflexão sobre a forma como se faz jornalismo na cidade de Sousa, prezando por pautas que as outras emissoras não abordam, com foco na educação, na saúde, no meio ambiente, no esporte e na cultura. O ponto de destaque do informativo é o quadro de entrevistas que aborda sempre uma temática e um convidado diferente.

Uma das grandes preocupações da direção da rádio Educativa FM é ampliar a audiência para as camadas menos favorecidas. Acreditamos que o jornalismo pode ser uma ponte para atrair esta parcela da população. Para tanto, surge a problematização: como ser popular, sem ser popularesco? Esta, é a resposta que tentamos encontrar através das constantes reflexões e reformulações que fazemos no Jornal da Educativa.

1.1.4 HISTÓRIA DO RÁDIO EM SOUSA

Segundo Gadelha (1986), as emissoras de rádio da cidade de Sousa foram precedidas pelas difusoras. Em 1937, o então prefeito de Sousa, Eládio Pedrosa de Melo, inaugura o Serviço de Alto-Falantes Municipal, com uma programação social, política e religiosa. Na década de 1940, surgem outros amplificadores – o da UDN e o do PSD, daí aparecendo as primeiras brigas políticas irradiadas que transcendem aos tempos atuais, através das transmissões por ondas eletromagnéticas.

O primeiro serviço de alto-falante de caráter privado da cidade de Sousa, foi “A Voz da Mocidade” fundado pelo professor Evilásio Marques Pinto, também conhecido como Seu Vila, em 1954. O órgão funcionava com músicas, propagandas comerciais e políticas e trabalhos literários diversos. No ano seguinte foi a vez da “Voz da cidade”, criado por Gastão Fortes de Medeiros, com finalidade cultural e educativa, músicas selecionadas e propagandas comerciais e políticas. Nesta época, havia também a Difusora Rio do Peixe com propaganda ambulante e sede fixada no Bairro da Estação, transmitindo competições esportivas, festas políticas e religiosas.

Conforme Souto Maior (2015), a Rádio Progresso de Sousa, surge em 1978, decretando o início da fase profissional da imprensa falada na cidade. A emissora foi idealizada por um grupo de empresários e políticos da região, entre eles, o ex governador da Paraíba, Antônio Mariz e o ex-prefeito de Sousa, Sinval Gonçalves. Na época, a Progresso contratou os melhores profissionais para poder fazer frente às emissoras concorrentes dos sertões nordestinos. Em 1982, a Rádio Progresso ganha uma concorrente: a Rádio Jornal de

Sousa, do grupo Gadelha, uma das tradicionais famílias políticas do estado da Paraíba. Com o intuito de dividir a audiência local, a emissora contrata um elenco a altura da sua co-irmã.

Conforme Nascimento (2003), a família Gadelha inaugura mais uma emissora de rádio em 1988: a Rádio Líder FM pertencente ao Sistema Regional de Comunicação. O veículo é responsável pelo surgimento de bons profissionais de comunicação, sendo um deles, Ruy Dantas que atualmente é proprietário da Rádio POP FM da cidade de João Pessoa.

Em 1989, o empresário, Francisco Coura de Sousa (Tico Coura), ligou o transmissor com 250Wats, dando início a história da Sousa 104FM. Em 1996, passava para frequência de 104,3MHz operando 2,2 quilos de potência, cobrindo quase 200 km quadrados de área e chegando a mais de 40 cidades da Paraíba, do Ceará e do Rio Grande do Norte. Hoje, consolidada no Alto Sertão Paraibano, a Sousa 104 FM ocupa uma posição de liderança em toda a região com uma programação diversificada.

Recentemente, o Sistema Correio de Comunicação inaugurou, a Rádio Max Correio FM com sedes nos municípios de Sousa e Marizópolis. Esta é A 15ª emissora do grupo que chega com a expectativa de atingir inicialmente 20 cidades dessa região, o que representa aproximadamente 50 mil ouvintes, conforme informou o Portal Correio (2017).

Souto Maior (2015), registra que Sousa possui mais 2 emissoras de rádio: a comunitária, Sousense FM 87,9 e a educativa, FM Educativa – 105,9.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O crescimento do processo de convergência de comunicação e tecnologias da informação está provocando impacto nas formas de consumo do rádio. Para Ferraretto, o radiojornalismo, está inclinado a ganhar espaço, sobretudo, nas metrópoles, onde notícias a respeito da meteorologia e do trânsito são imprescindíveis para quem enfrenta o dia-a-dia. “Além disto, à similaridade do cardápio informativo das diversas mídias, poderá o rádio responder com a análise e a interpretação dos fatos em comentários, entrevistas.” (FERRARETTO, 2010, p. 554)

Assim, considerando a classificação proposta por Prata (2008), há no panorama atual, dois modelos de radiofonia: o analógico no qual as emissoras de rádio transmitem sua programação através de irradiação e modulação das ondas eletromagnéticas e o digital, no qual as emissoras de rádio convencionais estão presentes na web com transmissão digital e ainda web rádios.

Acredita-se que atualmente que as relações de poder estão dissolvidas. Em paralelo, vigora a ideia de que os meios de comunicação de massa, inclusive o rádio, ainda podem determinar que espécie de informações o espectador consome e de que maneira. No entanto, constata-se que, concomitante a esse ambiente, existe outra estrutura de comunicação, onde um número incontável de usuários produz conteúdos nas mais diversas plataformas e linguagens, em alta velocidade.

A internet e as tecnologias móveis representam a relativização da mídia, mediante uma maior autonomia e empoderamento do cidadão. Face a esse panorama e a uma maior probabilidade do acesso à informação em razão da convergência midiática, que permite ao rádio localizar-se no espaço cibernético além das ondas, é importante refletir sobre as potencialidades do rádio na perspectiva da educação para os direitos humanos. (RADDATZ, 2013, p. 77)

A emergência de uma tecnologia não implica o declínio de outras, e sim a ampliação de ofertas. Assim, por conta da celeridade provocada pelo surgimento das novas tecnologias da informação e comunicação, o rádio entra em um estágio de permanente metamorfose.

Não é possível, segundo Herreros (2011), falar de um único modelo de rádio. Para compreender este veículo e as formas de sua recepção no século XXI, é relevante a adoção de um conceito plural.

Assim, embora seja notório a hegemonia do rádio tradicional no alto-sertão da Paraíba, não se deve analisar o rádio separado do contexto das demais mídias, mas incorporado em um sistema complexo, que abrange diferentes ferramentas de comunicação, ainda que convirjam.

As plataformas tradicionais perdem valor à medida que o acúmulo de outras ofertas fragmenta os mercados. Frente à limitação do espaço radioelétrico, a necessidade de licença e o elevado custo de manutenção da rede na plataforma, a internet não tem mais limites do que a capacidade do cabo que se queira empregar e da largura de banda com que se queira transmitir. Os usuários acessam os conteúdos sem restrições, nem intermediação alguma (HERREROS, 2011, p. 82).

Segundo Zuculoto (2012), as novas possibilidades de consumo do rádio através da web transformaram os interesses e as necessidades do ouvinte. A partir destas mutações o espectador não precisa escutar rádio de maneira linear, podendo optar por ouvir o programa em tempo real ou não, e reprisar várias vezes determinado programa.

A ascensão das novas tecnologias e a diversidade no usufruto do rádio reforça o caráter regionalista das emissoras locais. O critério principal que vai nortear as pautas do radiojornalismo local são os fatos que acontecem na comunidade, que são considerados de interesse das pessoas que moram naquela região.

O que podemos observar até o momento, é a utilização cada vez maior da internet pela população em geral como ferramenta de divulgação de informações e, portanto, de notícias. Esta situação favoreceu o localismo, pois ampliou a demanda por informações locais de qualidade. A concorrência por público, de parte da imprensa, está conduzindo os jornais de grandes metrópoles a também ampliarem a divulgação de fatos locais, até então ocupando um espaço periférico na pauta das grandes redações jornalísticas. (DORNELLES, 2004. p. 24)

De acordo com Del Bianco (2012), o desafio do rádio é manter-se indeclinável diante da concorrência com muitas outras tecnologias que passaram a ter o atributo de dar informação em primeira mão. A problemática é porque o rádio ainda seria necessário nesse novo cenário de consumo midiático? Ainda de acordo com a autora, a melhor maneira de atrair o ouvinte é por conteúdos que apresente o sentido de proximidade, o localismo.

2.1 JORNALISMO NO INTERIOR

Há várias discussões que giram em torno das noções sobre jornalismo regional, local e de interior, porém existe uma convergência sobre o discurso que caracteriza cada um, que é o aspecto geográfico como contextualização da abordagem da imprensa fora das grandes metrópoles.

Imprensa do interior, imprensa regional, mídia de proximidade, pequena imprensa, mídia local, mídia nativa etc. São várias as denominações para descrever a mídia regional no Brasil, ou seja, o conjunto de meios de comunicação existentes em uma área geográfica. (Rabaça e Barbosa, 2001 apud Pinto, 2014 p. 96).

A priori, Assis (2013) reconhece que a literatura comunicacional brasileira apresenta um número considerável de pesquisa que se debruça sobre as terminologias “imprensa regional” e “imprensa local” como substitutivos ao termo “imprensa do interior”. No entanto, o autor distingue conceitualmente jornalismo local/regional e jornalismo do interior; posto que acontecimentos locais ou regionais – dependendo do local ou da região – pode ter uma abrangência maior que o próprio território, alcançando veículos de maior repercussão (nacional/internacional). O contrário acontece em boa parte do interior, pois os fatos que ocorrem em cidades “não metropolitanas” quase nunca despertam interesse além do delas próprias (exceto em casos muito específicos).

Maria Lima (2010) pontua que a região é, de fato, o ponto de base da produção midiática e da informação regional. A imprensa regional exerce um papel imprescindível não só do seu habitual papel de informar sobre os fatos, bem como em face da sua função de agente impulsionador da coesão e da identidade regional, assumindo o lugar de parte interessada, em nome dos interesses populares locais.

A comunicação impacta nas decisões sócio-políticas de uma comunidade, em especial, nos municípios interioranos. Em cidades com população de menos de 100 mil habitantes e distantes geograficamente das capitais, é perceptível que o jornalismo influencia fortemente a sociedade. “Os meios de comunicação transformam de forma fundamental a organização da vida social”. (THOMPSON, 1998, p. 12).

Porém, o repórter do interior precisar contornar inúmeros obstáculos para acessar dados, estatísticas e outras informações da gestão pública, pois eles só são disponibilizados caso não provoque transtorno aos detentores do poder.

Os atores que são beneficiados com a assimetria de informações se dão conta dos ganhos que podem obter com a manutenção de um status quo assimétrico. Isso vale para o prefeito que pode usar o dinheiro para outros fins, o professor que pode ser preguiçoso e o mecânico que pode cobrar mais do que deveria, porque detêm mais informações que o indivíduo no qual o poder estava originariamente alocado – mas que foi “forçado”, dadas as circunstâncias da modernidade, a delegá-lo. (CANELA; NASCIMENTO, 2009, p 13)

Partindo do pressuposto que divulgar informações das administrações públicas podem “aumentar a eficiência do poder público, diminuir a corrupção e elevar a *accountability*” (CANELA; NASCIMENTO, 2009, p 13), o profissional de imprensa que atua nas empresas de comunicação de municípios do interior deve se pautar por princípios do jornalismo investigativo e definir dados oficiais como ponto fulcral para pesquisas.

Desta forma, o profissional da comunicação pode elaborar matérias que calcadas em informações que estimulem o senso crítico de formadores de opinião e outros mediadores capazes de incidir politicamente em prol de medidas que assegurem o bem-estar social, pois “à comunicação social local cabe a insubstituível tarefa de promover o envolvimento do cidadão nos processos de decisão, através de incentivo ao conhecimento, discussão e diálogo” (ESTEVES, 1990, p. 59).

Assim, de acordo com Motter (1994), o aumento de grupos políticos regionais no cenário da radiodifusão, durante a década de 1990, ocasionou o fenômeno cunhado por ele de coronelismo eletrônico. Geralmente, esses políticos unem-se aos grandes empresários da mídia, acarretando na concentração dos meios e em baixo incentivo à produção local e independente.

Em outras palavras, o rádio funciona como uma espécie de palanque eletrônico, em defesa de um projeto de poder de um político ou de um grupo. Apesar dos conflitos decorrentes do apadrinhamento políticos às emissoras de rádio, o comunicador pode e deve pensar em brechas para que o radiojornalismo, dentro de suas limitações, possa se tornar um instrumento mais propositivo e cidadão possível.

Segundo Luiz Silva (2013), é um dever fundamental que as mídias interioranas/regionais contribuam frequentemente com a sociedade local/regional, fomentando discussões, que permitam, a quebra da impassibilidade, com a ausência de políticas públicas por parte das administrações públicas regionais, na elaboração de propostas para transformar velhas estruturas que entravam o desenvolvimento.

Cabe ressaltar que o jornalismo de rádio no interior não se resume a divulgar matérias espetaculares. Acompanhada das informações sensacionalistas, são difundidas notícias variadas. Algumas delas se caracterizam por noticiar sobre aquilo que Bourdieu (1997) denominou de “assuntos-ônibus”, isto é, fatos que não instigam ninguém a questionar nada, não tratam de nenhum assunto relevante, mas chamam a atenção de todos, tendendo a “despolitização” de quem assiste.

Para Beltrão (2013), o jornalismo do interior é por excelência o espaço da “nossa cidade”. O autor afirma que a população terá fácil acessibilidade à conteúdos estaduais, nacionais e globais através da grande mídia, porém existe lugar para as discussões locais na imprensa regional.

Por maior e mais diversificada que seja a disseminação de canais noticiosos e informativos, nenhum bate o rádio na intimidade com que aborda as discussões que estão mais próximas do ouvinte, beneficiado que está pela proximidade geográfica e com a agilidade com que pode colocar as informações no ar, devido a dispensa de aparatos sofisticados na cobertura dos fatos. (COMASSETO, 2007)

2.2 JORNALISMO DE PROXIMIDADE

O jornalismo local pode ser entendido também como um jornalismo de proximidade. Para Camponez (2002), um dos mais importantes estudiosos deste tema, os limites territoriais são insuficientes para delimitar este tipo de jornalismo. “Esta geometria variável é mais uma geometria da identidade- com tudo o que isso implica de criação e recriação - do que uma identidade geográfica. ” (CAMPONEZ, 2002, p. 128-129)

Seguindo este raciocínio, é correto afirmar que a fidelização de ouvintes exige rigidamente, uma busca deliberada por laços de proximidade entre a central produtora de notícias radiofônicas e o receptor.

Para Peruzzo (2005), o jornalismo local perde muitas vezes a oportunidade de trabalhar com informação de proximidade devido a uma pequena estrutura de produção, com

poucos profissionais e, às vezes, até desqualificados para a prática do jornalismo. Junte-se a isto, em alguns casos, a opção de proprietários de veículos de comunicação, permitir o exercício de um jornalismo sustentado em fontes oficiais deixando de lado a possibilidade de “explorar seu imenso potencial de trabalhar com a informação isenta e atender a todos os setores que perfilam a vida de uma “comunidade””. (PERUZZO, 2005, p. 15)

O local passou a ser valorizado como um espaço público regional contra a desumanização, desterritorialização e o desprezo pela prática da cidadania na contemporaneidade, uma esfera crítica e de interação dos cidadãos em torno dos problemas que lhes seriam mais próximos. Tudo isso constitui no que o sociólogo inglês Roland Robertson (2000) classifica de glocalização – uma Globalização que estabelece limites: ela deve se adaptar às realidades locais, em vez de ignorá-las ou simplesmente destruí-las.

Estas considerações ajudam na compreensão da importância que adquire o local na contemporaneidade, em plena vigência da globalização. Ao lado disso, percebe-se também a importância do rádio abordar informações locais que possibilitam enaltecer saberes populares e tradições sócio-culturais locais utilizado-as como artifício criativo e ponte de comunicação para e com uma sociedade globalizada. A relação de complementaridade entre local e global foi vastamente discutida por Borja e Castells (1997), que entendem o local como centro de gestão do global, considerando esses dois níveis como geradores de sinergia econômica e política.

A destruição das culturas locais pela indústria cultural globalizada estimula o debate sobre a maneira como o nordestino se compreende quanto a sua visibilidade social para os outros. De acordo com Albuquerque Junior (2011), as representações indenitárias criadas para a região Nordeste foram construídas, no século XX, com base em textos literários, midiáticos e nas artes de uma maneira geral construída através do olhar do Outro, representado pelo Sul/Sudeste brasileiro. Esta região criou uma representação social do Nordeste de acordo com as características que para elas eram diferentes e, assim, a região foi considerada como um espaço de miséria e selvageria.

Partindo dessa premissa, o autor propõe a necessidade de se repensar a região nordestina com uma nova sensibilidade social em relação ao país, capaz de incorporar a pluralidade de espaços da nação, culminando com uma reinvenção dos enunciados que construíram o antigo Norte.

Nos anos 1940, o estabelecimento do rádio como o veículo de comunicação de massa mais popular daquele período, contribuiu expressivamente na publicização das oportunidades oferecidas pelo Sudeste. Este fator contribuiu para o êxodo de nordestinos rumo ao eixo Rio-São Paulo. De acordo com Albuquerque Junior (2011):

O rádio, por ser o veículo de comunicação de massas neste momento, será pensado como o veículo capaz de produzir não só esta integração nacional, com o encurtamento das distâncias e diferenças entre suas regiões, mas também como capaz de produzir e divulgar esta cultura nacional. Embora financeiramente liberado da tutela do Estado desde a década de trinta, tornando-se um veículo de fato comercial, sustentado pela propaganda, o rádio será tutelado, inclusive pela censura, para se engajar nesta política nacionalista e populista, partida do Estado. O rádio, ao mesmo tempo em que é estimulado a falar do país, revela a sua diversidade cultural. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 172-173)

Na década de 1960, Zita Lima (1969), declarou que a escassez de veículos de comunicação regional obstaculiza o acesso à informação e, em virtude disso, impacta negativamente no seu desenvolvimento. Para ela, a mídia capaz de reverter essa realidade na região Nordeste é o rádio, por ser um meio de comunicação mais próximo do povo.

O rádio regional coopera com a inserção do ouvinte no mundo ao seu redor. A audiência opta por ouvir falar de pessoas que fazem parte do seu universo: personagens do mundo do trabalho, da política local, líderes sindicais e comunitários, profissionais de saúde e educação do município, comerciantes que negociam com ele. Situação oposta ao que acontece com a TV.

A regionalização do rádio colaborou decisivamente para que o jornalismo se fortalecesse na cobertura local. A estruturação das emissoras procurou atender ao chamado mercado local e isso, de certa forma, condicionou o radiojornalismo. Já a televisão se organizou em redes, e a programação, tanto de entretenimento quanto publicitária, se tornou nacional. (BARBEIRO; LIMA, 2003, p.48).

Os interesses das grandes nações e dos grandes oligopólios implica na definição dos conteúdos a serem produzidos e transmitidos e ajudam a estabelecer a hegemonia cultural dos países desenvolvidos sobre os países em desenvolvimento. Neste sentido, a regionalização colabora na autonomia das comunidades locais na proporção em que favorece pautas mais próximas do cotidiano das pessoas e incentiva o desenvolvimento regional. (HAMELINK, 1993)

2.3 RADIOJORNALISMO: POTENCIALIDADES EDUCOMUNICATIVAS

Uma referência teórica importante para compreender as potencialidades educacionais do rádio e sua relação com o ouvinte é Lopes (1988, p. 99), que no livro *Rádio dos Pobres* busca mostrar que “o discurso produzido pela comunicação de massa dirigido preferencialmente para as populações marginais é por excelência certo discurso de rádio definido por uma estrutura popular”.

Para a teórica, a reduzida possibilidade de participação das populações marginais no ambiente escolar, torna urgente a promoção, na própria escola, de novos debates que facilitem relações capazes de transformar a realidade comunitária. (LOPES, 1988)

Partindo deste pressuposto, é cabível pensar que os meios de comunicação de massa também podem promover este debate, inclusive, na própria abordagem jornalística ao tratar de temas de interesse social. Neste sentido, existe uma emergência para que programas que interseccionem a comunicação e a educação sejam promovidos pelos veículos de comunicação, incluindo, assim, a participação ativa dos jornalistas, baseada na área de intervenção da educação denominada *produção midiática*. Este conceito foi proposto por Ismar Soares (2014) para se referir à “ações, programas e produtos produzidos pelas mídias a partir do parâmetro educacional”. (SOARES, I. 2014, p. 920)

A escola e as instituições socializadoras não podem prescindir da comunicação para a formação de um aluno crítico e ativo. E o contrário também é válido, os sistemas de comunicação podem ser pensados como espaço de educação não-formal que poderia ser utilizado com mais critério pelo comunicador usando o potencial do rádio na educação.

O giz, o quadro negro e um professor à frente de trinta ou quarenta alunos continua sendo a estrutura básica da educação formal em uma sociedade eletrônica, universal, interdependente. Por outro lado, os MCM tal como são utilizados pela sociedade de consumo constituem-se em uma “escola” mais vertical, com funções muitas vezes mais alienadora e massificante que a tradicional. (SILVA, Y. 2000, p. 169)

A respeito disso, Cerqueira (2018), destaca que a mídia, atualmente, compete com a escola e outros espaços da educação formal, fazendo circular saberes e conhecimentos do

cotidiano e socializar padrões de comportamentos, mas operando em lógicas de ensino divergentes ao do espaço escolar. A função pedagógica dos meios de comunicação poderia se concretizar, principalmente, no jornalismo de serviço, se fosse produzido com objetivo de fazer o receptor pensar e não apenas um observador privilegiado. Emissoras de rádio, por exemplo, deveriam estimular, segundo Freire, a curiosidade crítica no ouvinte, evitando os “programas domesticantes”.

Segundo Pretto e Tosta (2010), a primeira concepção de rádio no Brasil foi justamente a educativa. Preocupado com a educação do brasileiro, o educador Roquette Pinto, fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro cedida ao MEC 13 anos depois de seu surgimento. O professor Roquette-Pinto acreditava que a radiodifusão poderia ser um instrumento de transformação social para centenas de pessoas agraciadas com as suas emissões.

No decorrer do tempo surgiram outras experiências usando o rádio como veículo educador. Em 1937 criou-se o serviço de Radiodifusão Educativa. Na década de 1950 foi criado o Movimento de Educação de Base (MEB), que através de contrato entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Ministério da Educação (MEC), expandiu o sistema de 11 escolas radiofônicas aos estados do Nordeste. Na década de 1970, o regime militar obrigou as emissoras comerciais a transmitirem cursos gratuitamente através do curso Minerva. Todas as experiências aqui expostas tinham em sua concepção um caráter educativo. Contudo, ainda que a maior parte dos programas de radiojornalismo tenha limitações impostas por condicionais econômicas e políticas, compreende-se que por meio de uma postura reflexiva, o jornalista tem a oportunidade de abrir brechas no sistema midiático do qual faz parte, tentando subvertê-la.

Em seu livro “Comunicação ou extensão”, Freire (1983) afirma que a ação de se comunicar é antes de mais nada um ato coletivo, que acontece de maneira recíproca. Para o pedagogo, o mundo humano é um mundo de comunicação, onde as pessoas agem, refletem e falam sobre suas realidades para os outros. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. (FREIRE, 1983, p. 46)

Kaplún (1985) traça um paralelo entre a pedagogia freireana e a comunicação popular. Para ele, a verdadeira comunicação não está restringida a um emissor que fala e um receptor que escuta, e sim por dois ou mais seres ou agrupamentos humanos que compartilham ideias, experiências e conhecimentos (ainda que seja a distância e através de

meios artificiais). É por meio deste processo de troca que os seres humanos estabelecem relações entre si e passam da existência individual isolada à existência social comunitária.

Assim como Freire questionou a educação "bancária", Kaplun desmistifica a comunicação-monólogo e cria um novo preceito de comunicação. O emissor seria o professor que fala frente a um educando que deve escuta-lo passivamente. O comunicador que "sabe tudo" emitindo sua mensagem (em seu programa de rádio) sobre sua perspectiva, com seus próprios conteúdos, a (um ouvinte) que "não sabe nada" e que não se posiciona em outro papel que não o de receptor passivo ou pouco participativo. Este modelo de comunicação é, pois, o monólogo.

Em contraponto, a esta concepção de comunicação, Kaplún (1985), compara a educação libertadora de Paulo Freire com a comunicação dialógica. Desta arte, todo homem deve ser visto e reconhecido como um EMIREC (emissor + receptor); todo ser humano está dotado para ambas as funções; e tem direito a participar no processo de comunicação atuando alternadamente como emissor e receptor.

Em consonância com o modelo kapluniano, Peruzzo (2006), afirma que o conceito de direito à comunicação entendido como liberdade de expressão deve ser ampliado para além de um direito restrito aos "proprietários" dos grandes meios de comunicação. Logo, a comunicação se torna instrumento de cidadania quando promove:

A inserção das pessoas num processo de comunicação, onde elas podem tornar-se sujeitos do seu processo de conhecimento, onde elas podem educar-se através de seu engajamento em atividades concretas no seio de novas relações de sociabilidade que tal ambiente permite que sejam construídas. (PERUZZO, 2001, p. 121)

Apesar das contribuições de Kaplún e Peruzzo, serem direcionadas para a esfera alternativa e comunitária de mídia, elas podem nos ajudar a pensar em subterfúgios criativos dentro das restrições impostas pelo sistema comercial jornalístico. Assim, diante da impossibilidade de tornar o receptor um sujeito ativo no processo de produção de um informativo, o jornalista pode pelo menos criar narrativas humanizadas que enaltecem personagens do cotidiano e engendram imediata identificação e reflexão do ouvinte com a situação narrada. O comunicador seria então um provocador, ou melhor, um mediador crítico da relação que o ouvinte tem com a informação.

2.4 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

Sabe-se que repensar o jornalismo no alto-sertão paraibano é também repensar os critérios de noticiabilidade, ou seja, a seleção, a ênfase e a exclusão de determinadas pautas que serão veiculadas no programa jornalístico, em conformidade com Gislene Silva (2005). O ouvinte toma essa seleção como feita por meio do critério de “relevância”, no entanto, o processo de escolha de determinados temas em detrimento de outros está intrinsecamente relacionado aos interesses políticos e econômicos do veículo.

Ortriwano, ao refletir sobre o processo de seleção de notícia no rádio, verificou os seguintes critérios de noticiabilidade: importância, abrangência, atualidade, consequência, exatidão, honestidade, identificação, impacto, ineditismo, interesse, oportunidade e proximidade, entre outros. Todos estes critérios estão condicionados ao grupo que detém a hegemonia:

todos os jornalistas, quando inquiridos sobre os “seus critérios” de seleção, estão, na realidade, sujeitos aos interesses do grupo que detém o poder. A notícia sofre uma série de triagens, em que os critérios de seleção reais estão voltados em primeiro lugar para os aspectos jurídicos, políticos e econômicos. Só depois da notícia ser por eles aprovada é que pode ser submetida aos chamados “critérios jornalísticos” e às triagens motivadas pelos gostos pessoais dos que momentaneamente detêm o poder de selecionar (ORTRIWANO, 1986, p. 105).

Uma informação para se tornar notícia tem de ser atual, imediata e que tenha circularidade. Todavia até se tornar notícia o fato tem de passar por várias triagens de classificação. O mais limitado será sempre o da escolha. Seja por parte do editor ou do jornalista, a seleção decidirá sempre o destino da informação. (FONTCUBERTA, 1999, p 18).

Marcondes Filho (2009) observa que “produzir uma notícia é transformar um fato pessoal ou social em algo de interesse genérico” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 273). Para definir quais fatos devem ser divulgados ou rejeitados é indispensável perpetrar uma separação dos acontecimentos mais importantes. Também é relevante não confundir valor-notícia com seleção de notícia. Enquanto seleção de notícias trata-se da hierarquização das informações, o valor-notícia consiste no acontecimento e suas características. Traquina (2008) define noticiabilidade como:

[...] o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo ‘valor-notícia’ (TRAQUINA, 2008, p. 63).

Parada (2000), demonstra o que seriam os elementos das grandes notícias para o jornalismo radiofônico: na proximidade o rádio precisa noticiar algo o que seja de interesse do ouvinte. O público de rádio sempre estaria a procura de: atos de governo, conflitos e debates, dá pra resolver, denúncias, emergências, esportes, estradas, hora certa, previsão do tempo, reclamações de ouvintes, saúde, trânsito e estradas. O autor observa que a pauta é feita conforme os desejos do ouvinte; ou, mais especificamente, para reforçar a confiabilidade que deve haver entre a emissora e o espectador. “Qualquer assunto que não lhe diga respeito torna-se uma tremenda chatice no rádio”. (PARADA, 2000, p. 84)

Traquina (2008), ao indagar o que é a notícia, concebeu como “[...] a resposta dos membros da tribo jornalística não é científica, aparece como instintiva, e permanece quase sempre como uma lógica não explícita”. (TRAQUINA, 2008, p. 96)

Desta maneira, pode-se inferir que a resposta para tal questionamento é difícil, pois vincula-se ao valor-notícia e aos fatos, tendo, desse modo, o jornalista que definir “o que seria notícia”.

Dentro das Teorias Construcionistas⁴, há a teoria do *newsmaking* que enxerga a noticiabilidade como uma construção social da realidade. A notícia é composta por uma série de condicionais impostas aos acontecimentos para consolidarem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a essas condicionais é “rejeitado”, por não se enquadrar às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional. Não atingindo o patamar de notícia, continua simplesmente um fato que se perde entre a “matéria-prima” que o órgão de comunicação não consegue transformar e que, por consequência, não irá fazer parte do repertório de conhecimentos de mundo alcançados pelo público através das mídias de massa. Pode-se afirmar que a noticiabilidade diz respeito à série de operações com os quais os órgãos de comunicação e informação encaram a dever de selecionar, periodicamente, dentre uma quantidade indefinida de acontecimentos, um número limitado e estável de notícias.

⁴Para Nelson Traquina (2008) as notícias de um processo de construção social pelo que não podem ser vistas como o espelho da realidade

Levando-se em consideração que existem algumas regras e critérios mínimos para selecionar o que é notícia, Martino (2003) afirma que para alguns jornalistas a seleção é um procedimento racional. No entanto,

se para o jornalista parece evidente quais são os critérios de seleção, a análise das matérias publicadas mostra não apenas a escolha arbitrária, mas também certas regularidades no tratamento da informação que indicavam a existência de categorias subjetivas para a seleção dos fatos. (MARTINO, 2003, p. 109)

Sobre o assunto, Franciscato (2005) ressalta que o intuito de compreender a noticiabilidade de um fato a partir da pesquisa dessas operações parte principalmente de dois pressupostos: é possível localizar no acontecimento noticioso aspectos estáveis e reentrantes que revelariam sua singularidade; esses critérios são, de algum modo, manipuláveis por jornalistas no seu dia-a-dia profissional, servindo de recurso de trabalho. Diante do que foi ressaltado, entende-se que os critérios de noticiabilidade envolvem características profissionais e empresarias que impactam às decisões editoriais da imprensa.

2.5 JORNALISMO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL

Todas as informações imprescindíveis para a vida em sociedade estão ligadas à atividade jornalística que se apresentam ao cidadão de forma mediada. Esta informação não chega ao receptor em estado bruto. Ela é lapidada pelo profissional da comunicação, passando pelo crivo do seu julgamento. (GENTILI, 2005)

Por exercer o papel de pautar a sociedade assim como ser pautada por ela, o jornalismo não é um mero ofício desempenhado tecnicamente por pessoas formadas na área – é um serviço em prol da coletividade, que além de comunicar deve estar atento a ouvir os problemas sociais e lutar ao lado dos munícipes. “Ao contrário de seu suporte, o jornalismo permanece na pauta social, subsidiando conversas, debates, reflexões ou atitudes capazes de transformar significativamente a realidade” (ASSIS, 2012 p. 133).

Partindo dessas reflexões, fica evidente a função que o jornalismo exerce na vida das pessoas, sendo que é através deste meio que o indivíduo constrói parte da sua visão de mundo. No ponto de vista de Temer o “jornalismo é, portanto, uma forma de interação social, pois é

por meio dele que buscamos saber sobre tudo o que afeta ou pode afetar as condições para a sobrevivência” (2011, p. 13).

A atividade da imprensa se modifica de forma drástica e constante, na contemporaneidade, em virtude do desenvolvimento tecnológico e da presença de novos interlocutores que intervêm na ação jornalística. Diante deste paradigma, um passo importante para a construção da cidadania, na avaliação de Moraes (2011), será quando as pessoas se conscientizarem de que não são sujeitos passivos e acríticos das mensagens transmitidas pela mídia, mas que são cidadãos com direito a uma comunicação comprometida com o social. “Como saúde e educação, a informação é um direito fundamental das pessoas e deve ser objeto de políticas públicas permanentes. ” (MORAES, 2011, p. 171). Seguindo esta premissa, as organizações jornalísticas, devem estar em constante trabalho de adequação de seu funcionamento e de suas condutas para que contemplem espaço para todos os sujeitos sociais. “Precisamos não apenas capacitar o emissor, para que suas informações sejam de interesse coletivo e não particular, mas precisamos, principalmente, capacitar o receptor para uma leitura crítica da mídia”. (MARQUETTO, 2016)

No século XXI, as empresas privadas sentem necessidade de colaborar com o desenvolvimento de projetos que objetivem à preservação de culturas, comunidades e meio ambiente. Ao promover a comunicação como instrumento de transformação social, as empresas de radiodifusão estão ampliando sua relação com potenciais anunciantes, entidades de classe, governo e público em geral. Perez e Bairon (2002) alerta que toda empresa que atua na função de comunicador na sociedade, tem responsabilidade social com o público.

Para que as empresas de radiodifusão tenham uma finalidade social, é óbvia a importância da comunicação, que só se torna possível sendo realizada no mínimo de uma pessoa para outra. Desta forma, é coerente dizer que existem vários propósitos comuns na comunicação: persuadir, informar e relacionar. Sodré (2014) conceitua a comunicação etimologicamente como:

Originariamente, comunicar – “agir em comum” ou “deixar agir o comum” – significa vincular, relacionar, concatenar, organizar ou deixar-se organizar pela dimensão constituinte, intensiva e pré-subjetiva do ordenamento simbólico do mundo. Assim como a biologia descreve vasos comunicantes ou a arquitetura prevê espaços comunicantes, os seres humanos são comunicantes, não porque falam (atributo consequente ao sistema linguístico), mas porque relacionam ou organizam mediações simbólicas – de modo consciente ou inconsciente – em função de um comum a ser partilhado. (SODRÉ, 2014, p. 7)

À propósito, Bordenave (2002) considera a comunicação enquanto,

Um processo natural, uma arte, uma tecnologia, um sistema e uma ciência social. Ela pode ser um instrumento de legitimação de estruturas sociais e de governos como também a força que os contesta e os transforma. Ela pode ser o veículo de auto-expressão e de relacionamento entre as pessoas, mas também pode ser sutil recurso de opressão psicológica e moral. (BORDENAVE, 2002, p. 14)

Para referenciar o tema Comunicação para o Desenvolvimento, Magalhães (2009) estabelece cinco ideias-chave: a) centralização do poder; b) integração das abordagens top-down (de cima para baixo) e bottom-up (de baixo para cima); c) adoção de diversas ferramentas pela comunicação; d) a combinação entre comunicação interpessoal e atividades multimídia; e e) incorporação de fatores pessoais e contextuais para o desenvolvimento local. O que se compreende, entretanto, por vezes, é que as contribuições desse debate não ficam muito coerentes na prática. Compete-nos, então, elencar quais fatores são imprescindíveis para a emergência da comunicação para o desenvolvimento partindo da ideia de que soluções do tipo “modelo único para tudo” não é a melhor alternativa.

Um primeiro fator que se constitui como entrave para o desenvolvimento econômico e social do país é a concentração midiática dos principais veículos de comunicação nas mãos de 9 famílias resultando na manutenção do status quo. Segundo informações de Monitor de Propriedade de Mídia (MOM, na sigla em inglês), organizada pela Repórteres Sem Fronteiras (RSF), o Brasil apresenta os piores indicadores para a pluralidade na mídia entre 12 países em desenvolvimento analisados. Apesar das dimensões continentais do país e da diversidade regional existente, o estudo apontou índices elevados de concentração midiática, principalmente na televisão, que se configura como o meio de comunicação mais consumido pelos brasileiros, ultrapassando 70% de toda a audiência do país. Em resumo, a concentração da comunicação é também a concentração de riqueza. (MOM-Brasil, 2017).

Na concepção do economista Celso Furtado sobre subdesenvolvimento, há possibilidades e limites para a construção de uma sociedade moderna, justa e democrática. Alguns desses fatores são: a degradação nas relações de câmbio; a arcaica estrutura agrária; as relações entre a monocultura exportadora e o imperialismo internacional; e a dicotomia da estrutura produtiva e das relações de trabalho. Todas são peculiaridades latino-americanas que sinalizam a dificuldade de um desenvolvimento econômico contínuo, com redistribuição de renda e redução das desigualdades regionais e sociais, diante da carência de um projeto político nacional desenvolvimentista. (NABUCO, 2001)

Segundo Boisier (2006), o conceito de desenvolvimento já fora entendido somente como sinônimo de crescimento econômico, porém atualmente encontra-se em um processo de

transição para um novo emprego do termo, menos associado às conquistas materiais, estando mais unido à esfera coletiva do que individual, abrangendo também uma dimensão subjetiva e até mesmo “espiritual”. Esse processo centrado no ser humano e na relevância de suas ações, para o desenvolvimento significa:

[...] recolocar o conceito de desenvolvimento num quadro construtivista, subjetivo e intersubjetivo, valorativo ou axiológico e, com certeza, endógeno, ou seja, diretamente dependente da autoconfiança coletiva na capacidade para inventar recursos, movimentar aqueles já existentes e agir em forma cooperativa e solidária, desde o próprio território (BOISIER, 2006, p. 69).

Já Sen (1999), afirma que o desenvolvimento não pode ser mensurado somente pelos indicadores econômicos como as rendas das famílias, o índice de consumo e o Produto Interno Bruto. Eles são fatores importantes, no entanto não são o suficiente, já que não consideram o aspecto social.

Ruas (2005) compreende que o desenvolvimento local é o procedimento de aplicação de recursos endógenos existentes na comunidade, apta a impulsionar e diversificar seu desenvolvimento econômico, gerar emprego e melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Podemos assim, analisar o desenvolvimento local por outro ângulo, como um processo de mudança de uma realidade para outra, inserindo nesse processo uma renovação criativa, que advém da aplicação de conceitos alternativos e ideias novas, revolucionárias, que mudam o panorama e a realidade de um local, de um estado, e conseqüentemente de um país. (RUAS, 2005, p. 16)

Seguindo o mesmo prisma de raciocínio, Melo (1989) também ressalta que desenvolvimento vai além de uma questão meramente financeira, para ele é:

Um processo contínuo de libertação dos povos e da sociedade, em que estes são capazes de afirmar sua autonomia e, com autoconfiança, incrementar atividades de seu interesse. Este é o desabrochar da imaginação individual e social para definir objetivos e inventar meios de atingi-los. (MELO, 1989, p. 56)

O rádio pode ser um meio capaz de contribuir com a emancipação das pessoas contribuindo com a “libertação dos povos”. O dramaturgo Brecht (2005), ao refletir sobre as potencialidades interativas do rádio, afirmou que a tarefa da radiodifusão não se resume à mera transmissão de informações. Além disso, tem que organizar o modo de solicitar informações, ou seja, converter os comunicados dos governantes em retorno aos questionamentos dos cidadãos. A radiodifusão tem que tornar possível a mediação. Apenas o

rádio poderia pautar, “em conjunto, as falas entre os ramos do comércio e os consumidores sobre a normalização dos artigos de consumo, os debates sobre altas de preço do pão, as disputas municipais”. Desta maneira, Brecht buscava um uso social da radiodifusão, que desse espaço para uma maior participação dos ouvintes, fazendo do rádio uma tecnologia de comunicação da utilidade pública.

Brecht (2005) sugere aos diretores de rádio não se limitarem apenas à transmissão de conteúdo e informação, mas que também haja experimentações, focado na ideia de se transformar o rádio realmente em um meio de comunicação, no sentido mais freireano⁵ da palavra, voltado para o interesse público, cumprindo assim a sua função social.

Lamentavelmente, as práticas radiofônicas contemporâneas não adotam os preceitos de Brecht ao reduzir o ouvinte a mero receptor (BRECHT, 2005), com exceção de algumas experiências comunitárias. O rádio possui um grande apelo comercial⁶, prestando informação sobre produtos e mercadorias, persuadindo o consumidor e ampliando a circulação comercial, sendo um agente promotor da globalização.

Não podemos dizer que esse apelo é exatamente favorável à sociedade. Com o advento do comercial o rádio passou a ser um mero mediador entre o mercado e o consumismo. Desta maneira a popularidade do rádio enquanto meio de comunicação ocorreu apenas com um impulso essencial da tecnologia.

Em uma versão mais contemporânea, Lévy (1999) observa que o conceito de comunicação evoluiu com a abertura de um novo espaço comunicacional, cabendo aos novos usuários explorar as potencialidades mais propositivas deste espaço nas esferas econômicas, políticas, culturais e humanas.

Para encontrar esse caminho, Peruzzo (2007), aposta na prática da cidadania e combate à valores autoritários através de um maior acesso aos meios de informação. Nesse contexto, o desenvolvimento está ancorado no protagonismo das pessoas na sociedade. Este modelo de comunicação está incluso na ideia de desenvolvimento integral e participativo, de aumento da renda alinhado ao aumento da capacidade cognitiva.

⁵ No seu livro *Extensão ou Comunicação*, o pedagogo Paulo Freire (1979) expõe uma noção de comunicação que se norteia por uma ação pedagógica libertadora. Para o autor “o que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo” (FREIRE, 1979, p. 66).

⁶ A publicidade surge no Brasil em 1932, após o decreto nº 21.111 que aprovou o regulamento para a execução dos serviços de radiocomunicação no território nacional permitindo a veiculação de comerciais no rádio. Desde então, a produção radiofônica erudita e educativa passou a ser popular e os interesses dos proprietários das empresas de radiodifusão mesmas passaram de educativos para comerciais

3 – PRODUTO MIDIÁTICO

3.1 - RADIORREPORTAGEM

É importante destacar algumas distinções sobre notícia e reportagem no rádio, pois, embora o jornalismo tenha anos de pesquisa, ainda não é possível desenvolver uma definição fechada a respeito deste gênero jornalístico. Segundo Vicente (2004) a reportagem é uma matéria de maior profundidade de conteúdo sobre um tema específico. Pode abranger trilha, entrevistas, subjetividade do repórter etc. Poderíamos considerar a reportagem como um gênero que combina princípios do gênero opinativo e informativo. A reportagem de acordo com Barbosa Filho (2003) é a narração que compreende inúmeros aspectos do saber, implicando uma concepção mais aprofundada sobre o fato retratado. O gênero jornalístico também engloba vários formatos. No jornalismo informativo estão incluídas as notícias simples e ampliadas, reportagens, crônicas, entrevistas, biografias e boletins. O jornalismo opinativo abrange comentários e editoriais, debates, painéis e mesas-redondas. (VIGIL 2003, p. 124)

Cabe destacar a diferença entre essas duas formas de sistematizar a informação radiofônica. Prado (1989) diz que a notícia é a unidade mínima da informação no rádio, “concisa, simples e formalmente neutra”. Já a reportagem é uma

agrupação de representações fragmentadas da realidade que em conjunto dão uma ideia global de um tema. Estas representações fragmentárias compõem um fio condutor que é o fato central. Ao fato central se juntam aos poucos outras representações fragmentadas de fatos adjacentes, que contribuem para a compreensão do tema. (PRADO, 1989, p.85)

O fato de a reportagem não ser estruturada de forma rígida abre margem para que o repórter usufrua da criatividade em uma escala maior que em outras formas de sistematizar a informação. Mas, mesmo sendo um dos elementos mais ricos, que pode ser explorado com maior capacidade criadora e com conteúdo diferenciado, é o menos usado pois requer uma maior elaboração e uma equipe que não fique presa à redação e tenha tempo para captação, apuração, pesquisa, redação e edição.

Transpondo a definição de Amaral (2008) sobre reportagem impressa para o rádio percebe-se que a “reportagem é a representação de um fato ou acontecimento enriquecida pela capacidade intelectual, observação atenta, sensibilidade, criatividade e narração fluente do autor”. (AMARAL, 2008, p. 33-35)

A maneira de aprofundar um tema de forma educativa é com a produção da reportagem especial que é elaborada com profundidade de apuração e checagem, e sem preocupação com a deadline, resultando na qualidade da construção de sua estrutura narrativa. De acordo com Ferraretto (2014):

Também conhecida como reportagem especial ou reportagem em profundidade, a grande reportagem constitui-se em um meio-termo entre a reportagem comum, aquela do dia a dia, e o documentário. Aparece como ampliação quantitativa e, muito mais profundamente, qualitativa do trabalho usual e cotidiano corporificado nos boletins dos repórteres de uma emissora de rádio. Não chegando a ter a abrangência de um documentário, adentra o terreno do jornalismo interpretativo (FERRARETTO, 2014, p. 167).

Além da abordagem meramente informativa, Ferraretto (2014) complementa que a reportagem especial pode também “valer-se de um texto mais literário, ao qual se unem os recursos de sonoplastia próprios do rádio. Nesse processo, então, há uma possível mistura de jornalismo e dramaturgia” (FERRARETTO, 2014, p. 167)

Assim, definir a linguagem radiofônica apenas como linguagem verbal é desconsiderar o uso expressivo e “dramático” da palavra com a finalidade de organizar algumas das rotinas produtivas do jornalista no processo de construção da notícia. “Se produz uma exagerada relevância do monólogo expositivo, uma das formas expressivas da palavra, e se ignoram outras, o que impede que seja vista a amplitude expressiva da linguagem radiofônica”. (BALSEBRE, 1994, 24).

3.1.1. REPORTAGEM ESPECIAL E DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

De acordo com a concepção de Barbosa Filho (2003), o documentário é caracterizado pelo aspecto analítico, com uma abordagem aprofundada do assunto tratado, o que implica montagem do áudio capturado, com matérias gravadas, cabeças e matérias atemporais.

O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, mediação dos fatos in loco, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística. É realizado por meio de montagem – a edição final do material produzido em áudio – com matérias gravadas anteriormente ou, ainda, juntando-se esse material às “cabeças” – introdução aos temas enfocados – e a algumas matérias temporais “ao vivo” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 102).

Para Vicente (2004), o documentário radiofônico pode “incorporar elementos de todos os gêneros aqui apresentados, já que pode incluir entrevistas, depoimentos pessoais, opiniões e dramatização de textos e acontecimentos. Para tanto, necessariamente exige o uso de música e efeitos” (VICENTE, 2004. p. 3). Já Ferraretto (2007) observa que o gênero é escasso no Brasil, e realmente, a produção e a literatura acadêmica sobre o documentário radiofônico são mais abundantes em outros países.

As teorias demonstram que a linguagem e os modos de produção do documentário e da reportagem se interseccionam em várias questões. O documentário tem princípios semelhantes quando o ponto é a abordagem em profundidade, maior duração, acesso verdadeiro à realidade, uso de personagens para desenvolvimento da narrativa e, no caso do rádio, as possibilidades de composição dos elementos sonoros. De forma abrangente, Nassar (1984) aponta aspectos que distinguem os dois formatos.

Há características que diferenciam o documentário de uma reportagem mais longa, mas há também semelhanças. Na reportagem, a preocupação é mais concentrada em passar notícia. Se são muitos aspectos, a notícia tem muitos desdobramentos ou repercussões, ocupará um espaço (tempo) maior, mas não deixa de ser uma reportagem, embora mais longa. O documentário deve se caracterizar por ser menos vinculado ao factual; procurar uma abordagem mais ampla, mais abrangente e ter uma preocupação formal maior. (NASSAR, 1984, p.127)

Prado (1989) critica a concepção do rádio enquanto um veículo dedicado somente à instantaneidade, ao furo de reportagem e à exclusividade. A autora defende o potencial informativo do rádio aliado ao complemento analítico. “Pode se contar, além disso, neste sentido reflexivo, com a capacidade de restituição da realidade, através das representações fragmentadas da mesa, veiculadas com seu contorno acústico.” (PRADO, 1989, p. 85)

Corroborando com o pensamento de Prado sobre a postura informativo\analítica que o rádio pode assumir, Kaplún (1978) traça um paralelo entre o radiodocumentário e a

reportagem cinematográfica para explicar que a função informativa direciona esse tipo de produção: “é uma monografia radiofônica sobre um tema dado. Uma breve exposição, sem uma completa apresentação” (KAPLÚN, 1978, p. 42).

Ao adotar uma definição tradicional de radiodocumentário, McLeish (2001) afirma que não há regras inflexíveis que definam a produção e o delineamento de um documentário. “Se o produto tem intenção de oferecer um relato equilibrado e verídico sobre algo ou alguém, então trata-se de um documentário” (MCLEISH, 2001, p.23).

Diferentemente da reportagem, o radiodocumentário tem maior autonomia em relação à ocorrência que está sendo retratada. Não é preciso que seja a respeito de algum fato do passado ainda celebrado e nem necessita ser factual. De acordo com os apontamentos de José e Sergl (2015):

(...) o documentário, como gênero que complexificou a reportagem, transforma o tema ou o assunto numa questão, isto é, problematiza as afirmações ou as negações que já aparecem como generalidades fechadas; cada aspecto do tema pode ser tratado como hipótese, como possibilidade que questiona algum argumento, ou parte dele, que se apresenta fragilizado como constituinte da generalidade em virtude de mudanças no próprio fenômeno do qual o fato, e mesmo a generalidade, são apenas parte dele (JOSE E SERGL, 2015, p. 73)

Para Pessoa (2011), a escassez do gênero documentário na grade das emissoras acarreta na pouca produção bibliográfica sobre o assunto no Brasil. Consequentemente, esta lacuna é perceptível nas emissoras de rádio do interior, que não produz conteúdos de forma aprofundada. Neste contexto, a promoção da reportagem especial e do documentário radiofônico nos noticiários podem ser um avanço na construção de novas práticas jornalísticas no alto sertão paraibano.

3.2 ENTREVISTA RADIOFÔNICA

Segundo Beltrão (1969), a entrevista é o método de conseguir matérias de interesse jornalístico através de perguntas e respostas. A entrevista é um dos métodos de pesquisa do jornalista. No caso do rádio, com as “sonoras” capturadas o repórter pode elaborar uma matéria, em que as declarações são inseridas como complemento ao que está sendo dito na

locução da notícia, ou pode veicular a entrevista na íntegra no formato perguntas e respostas. Na concepção de Mcleish (2001), este gênero tem como princípio elucidar na fala do entrevistado, acontecimentos, circunstâncias ou opiniões sobre um determinado tema, para que assim o espectador possa tirar conclusões em relação ao que está sendo falado:

a entrevista deve ser o que parece ser – perguntas e respostas em benefício do ouvinte interessado. O entrevistador age em nome do ouvinte, fazendo as perguntas que este gostaria de fazer. A entrevista é uma oportunidade de informar não apenas o que o ouvinte quer saber, mas também o que ele precisa saber. (MCLEISH,2001, p.43)

Para Medina (1986), alguns comportamentos podem enriquecer a atuação do entrevistador. O repórter tem de desfrutar do momento da comunicação face-a-face para a observação atenta da personagem em foco, tentando aprofundar a compreensão do entrevistado.

O entrevistado tem de encarar o momento da entrevista como uma situação psicossocial, de complexidade indiscutível. Se for um iniciante sem preparo ou um prático profissional inconsciente da dimensão psicológica e social daquele encontro com a fonte de informação, as coisas acontecerão atabalhoadamente, com agressividade, imposição, autoritarismo. Se não houver consciência das etapas de observação mútua – namoro, busca de confiança recíproca, entrega – a matéria resultará numa versão pobre do que teria sido uma entrevista. (MEDINA, 1986, p. 29)

Ainda de acordo com Medina (1986), a entrevista é uma técnica de interação social que pode também servir à pluralização de vozes e à democratização da informação. Porém, a pluralidade de pontos de vista foi sufocada pela postura autoritária do grande sistema da indústria cultural.

Morin (1973) faz um comparativo entre as entrevistas realizadas no rádio e na televisão com as das Ciências Humanas para assinalar as diferenças entre ambas. O autor irá criticar os meios de comunicação de massa por sua espetacularização. Para ele, compete ao dialogante promover as condições necessárias que estimulem o outro a distanciar-se de si mesmo numa ação comunicativa libertadora, sem desconsiderar a importância da escuta por parte do interlocutor.

Para que o entrevistador possa propiciar situação favorável à uma ação dialética libertadora é preciso romper com determinadas práticas enraizadas nas redações jornalísticas que promovem o anti-dialogo culminando inclusive com o privilégio dos “falantes

obrigatórios”⁷. Tomando-se como exemplo à prática jornalística da maior parte das emissoras comerciais de rádio e televisão, os produtores têm por rotina optar por convidar sempre os mesmos especialistas para falar sobre os mesmos temas. Devido ao tempo limitado do rádio e da TV, os entrevistados são obrigados a reduzir suas reflexões ao tempo que lhe é imputado pela produção do programa. Isto, sem contar com os apartes do apresentador para a condução da entrevista. Bourdieu (1997) apelidou de *fast thinkers* às fontes que têm um discurso pronto sobre o que vão falar e são capazes de em pouco tempo discorrer sobre temas complexos.

Para Braga (1994), a conversação demanda um sistema de práticas, normas e processos, compartilhado por todas as pessoas de determinada cultura, e esse sistema norteia o fluxo de mensagens enunciadas. O autor chama esse sistema de dispositivos conversacionais,

A entrevista dialética pode encontrar respaldo na atitude socrática para promover uma comunicação libertadora. Segundo Platão (1987), na Grécia Antiga, o filósofo Sócrates abria-se a qualquer um que demonstrasse condição psicológica adequada à prática do procedimento de autoconhecimento. No método socrático, o interlocutor-educando é guiado, de forma progressiva, pelas provocações feitas, a tentar elaborar ele mesmo suas próprias ideias, rompendo com a repetição instintiva de fórmulas ou chavões automatizados e vazios de sentido.

3.3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A elaboração da série de 4 radorreportagens adotou métodos de coleta, tratamento e análise de dados. Elegeu-se a pesquisa qualitativa através da série proposta, visando produzir um material que sirva como referência para repensar o radiojornalismo no alto sertão paraibano.

Pensando em descrever a experiência científica vivenciada no processo de elaboração das reportagens da série, lançou-se mão de notas de campo durante o processo de construção da reportagem.

⁷ Bourdieu (1997) cita os ‘falantes obrigatórios’ ao se referir às fontes oficiais que são priorizadas pela imprensa na hora da escolha de um entrevistado.

Pode-se afirmar que todos os preceitos basilares de uma produção radiofônica foram respeitados, ancorando-se nos pressupostos de Dama (2008) para a produção de reportagens em rádio com os devidos ajustes. Segundo a autora, ao se elaborar uma reportagem se deve seguir os seguintes passos:

- a) Ideia - Corresponde ao tema sobre o qual versará a reportagem, ou seja, o aspecto concreto da realidade que se vai abordar.
- b) Propósito – É o objetivo da reportagem, sua finalidade, sua intencionalidade, ou o que se quer conseguir com isto.
- c) Enfoque – É o momento de pensar como fazer para alcançar o objetivo da reportagem. Nesta etapa, o produtor da reportagem precisa pensar em qual o diferencial desta produção noticiosa com relação as demais que abordam o mesmo tema.
- d) Investigação – Nesta fase, o repórter entra em contato com as fontes que lhe fornecerão os dados, os conceitos e as ideias que fundamentarão a reportagem.
- e) Seleção – É o momento de escolher entre todo o material coletado quais os elementos que comporão a reportagem.
- f) Raciocínio ou avaliação – É a indagação de modo consciente sobre as possíveis relações de causalidade ou ausência delas entre os elementos que dispomos.
- g) Elaboração - Esta fase corresponde a elaboração do roteiro, tendo à disposição todo o material que foi coletado e avaliado em um documento que refletirá por escrito todo o conteúdo da reportagem.
- h) Apresentação – É a etapa final em que executamos o disposto no roteiro

No primeiro momento de cada reportagem, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de encontrar pressupostos teóricos que embasassem a produção das reportagens. De acordo com Gil (2010) a pesquisa bibliográfica é organizada com embasamento em materiais já publicados. Este modelo de pesquisa investiga materiais impressos e digitais como livros, monografias, dissertações, teses, artigos, papers, jornais e revistas.

A pesquisa bibliográfica, segundo Stumpf (2005, p. 51), é “um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema e proceder à respectiva anotação para posterior utilização”

Antes de cada reportagem foram realizados encontros com o orientador com o objetivo de avaliarmos a execução das atividades e planejarmos as próximas ações. O planejamento foi realizado com as observações que foram sendo feitas durante o processo pelo orientador.

Plano de distribuição de mídia – Confeccionamos quatro artes gráficas para divulgação das reportagens nas redes sociais: Facebook e Whatsapp. (Ver imagem 1). As postagens eram feitas antes de cada veiculação no jornal. Neste caso, divulgávamos artes gráficas nas noites de sexta-feira que antecediam os sábados das reportagens. No whatsapp as divulgações eram feitas nos grupos e em uma lista de transmissão que continha pessoas que provavelmente se interessariam pelo conteúdo: jornalistas, radialistas, pesquisadores, professores, integrantes de movimentos sociais entre outros. Ao final da veiculação disponibilizávamos os áudios em formato MP3 no whatsapp e na plataforma CloudMix.

Imagem 1 – Peças de divulgação das reportagens -



Figura produzida pelo artista gráfico Getúlio Salviano

Por fim aplicamos uma série de entrevistas para podermos compreender a aceitação do gênero reportagem radiofônica pela comunidade sousense. Optamos por lançar mão da

técnica de entrevista estruturada, na forma de um levantamento qualitativo através de um roteiro pré-formulado. Adotamos esta técnica, por compreendermos que é uma “conversão orientada para um objetivo definido: recolher, através do interrogatório do informante, dados para a pesquisa”. (BERVIAN; CERVO; DA SILVA, 2007, p.51)

Nesse sentido, Martino (2018, p. 113) acrescenta que a entrevista “é utilizada, em geral, quando o objeto de pesquisa são opiniões, vivências ou experiências de pessoas a respeito de um tema ou uma situação. ”

Seguindo a orientação de Martino, o questionário foi seguido à risca, levando-se em consideração apenas as respostas relacionadas a ele. Estas entrevistas são de grande utilidade quando a pesquisa demanda dados precisos, diretos e relativamente “objetivos” sobre um assunto como é o caso da aceitação do gênero reportagem pela população de Sousa.

Selecionamos 14 representantes da sociedade civil - sendo 3 deles membros da imprensa local e outros 3 personagens que fizeram parte da reportagem – e 1 do poder público para escutarem as reportagens e responderem duas perguntas com a intenção de extrair a impressão e a aceitação deles do produto. Os entrevistados foram

ADILMAR DE SÁ GADELHA (CACÁ GADELHA) – Advogado e atual vereador do município de Sousa. O parlamentar está seu terceiro mandato consecutivo e já foi presidente da Câmara Municipal Otácilio Gomes de Sá, na legislatura 2011-2012.

AFONSO WEBE – Jornalista formado pela Universidade Paulista de São Paulo e Técnico em Radialismo pelo SENAC-SP. Atua nas emissoras Rádio Educativa 105 FM e Rádio Progresso 610 AM. É redator do portal Conexão PB e trabalha na Secretária de Comunicação da Prefeitura Municipal de Sousa.

BETO SILVA – Cinegrafista das TVs Paraíba e Cabo Branco, afiliadas da Rede Globo de Televisão, no alto sertão da Paraíba desde 2007.

CÉSAR NÓBREGA – Advogado, ativista ambiental, fundador do diretório do Partido dos Trabalhadores (PT) no município de Sousa. Atualmente é coordenador do Comitê de Energia Renovável do Semiárido (CERSA) e membro da diretoria da Frente Por uma Nova Política Energética para o Brasil.

GEORGE WAGNER – Licenciado em História e Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Campina Grande. Foi diretor das sucursais do Jornal da Paraíba e A União em Sousa, além de atuar em emissoras de rádio como a CBN Paraíba e Correio FM (João Pessoa). Atualmente apresenta o Jornal da Manhã pela Rádio Progresso 610 AM.

GERALDA ALEXANDRE - Licenciada em História pela Universidade Federal da Paraíba. Leciona História nas redes municipal e estadual de ensino na cidade de Sousa. É atual presidente do Sindicato dos Professores Municipais de Sousa.

GERALDO BERNARDO ABRANTES – Cordelista, professor, ator, poeta, contista e dramaturgo. Publicou os seguintes folhetos de Cordel: Os causos de Arupemba (03 folhetos e CD) em 2006; Chico Socó (2008); As novas aventuras de Chico Socó (2009); Os Calons Sousenses (2010); Quando os bichos falavam (2011); A Encoberta, a história de uma santa sem altar (04 folhetos) (2012); O periquito de Zefa (2017).

GERALDO OLIVEIRA – Repentista

JOÃO EDSON – Professor do curso de Letras do Instituto Federal da Paraíba – Campus Sousa. É coordenador do Núcleo Multicultural do Sertão e possui doutorado em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba.

MAYCON CARVALHO - Natural de Pacajús no Ceará, mas radicado em Sousa, na Paraíba. Graduando em Rádio e TV pela Universidade Federal da Paraíba. Cineasta, ator, diretor teatral e coordenador de música do Centro Cultural Banco do Nordeste.

NATARAJAN FERREIRA – É tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pelo Instituto Federal da Paraíba e bacharel em direito pela Universidade Federal de Campina Grande. Funcionário concursado do Banco do Nordeste, atualmente é gerente interino do Centro Cultural Banco do Nordeste.

PADRE SÉRGIO MOTA – Padre da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios em Sousa. É licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras - FESC - FAFIC, e bacharel em Teologia pelo Curso Livre em Teologia, do Seminário Diocesano São José, Crato-CE. Atualmente, leciona as disciplinas de Filosofia e Línguas Clássicas na FAFIC de Cajazeiras/PB.

PEDRO SANTIAGO – Professor de Sociologia do Instituto Federal da Paraíba. Possui Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba e coordenador de Extensão e Cultura do Instituto Federal da Paraíba – Campus Sousa.

RAFAELA ARNAUD – Jovem de 22 anos, graduanda em direito pela Universidade Federal de Campina Grande – Campus Sousa.

WALBERT MATTOS - Engenheiro agrícola, graduado pela Universidade Federal da Paraíba - Campus Campina Grande e mestrando em Ciências do Solo pela UFPB. Ator, diretor teatral e encenador. Membro da Cia Dell'art da cidade de Marizópolis e ativista cultural do município de Sousa.

Como o tamanho das reportagens é extensa, o áudio foi enviado previamente por WhatsApp. Em seguida, uma data era agendada para gravar a resposta na residência dos colaboradores. De posse das respostas elaboramos as análises com base em todos os dados teóricos já levantados e, por fim, as considerações finais.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

➤ 1ª Reportagem: Energia Solar

O tema escolhido para a primeira reportagem foi Energia Solar, já que Sousa é proporcionalmente, a cidade com o maior número de instalação de placas fotovoltaicas descentralizada do estado da Paraíba. Apesar, do município ser referência na implantação de painéis solares, este tema raramente é abordado pelos critérios de noticiabilidade dos jornais locais. Desta forma, procurou-se abordar a potencialidade solar da região semiárida primeiramente na perspectiva popular, seguida do ponto de vista dos especialistas, promovendo o diálogo entre o saber popular o saber acadêmico. A pauta de entrevistas ficou esquematizada da seguinte maneira:

Genival Lopes – Agricultor do Assentamento Floresta - (perguntar idade)

- Como era a sua vida antes e depois da conquista da terra?
- Como você conseguiu instalar energia solar?
- Quanto você vem economizando de energia?
- Além do uso residencial, o senhor usa energia solar para irrigação?

César Nóbrega – Coordenador Geral do CERSA (Comitê de Energia Renovável do Semiárido) – (perguntar idade)

- O que é o CERSA?
- Qual a importância das energias renováveis para o desenvolvimento local?
- Qual a relevância de popularizar o debate sobre energia?

Walmeran Trindade – Coordenador Técnico do CERSA (perguntar a idade)

- O que são energias renováveis?
- Qual a potencialidade solar do semiárido?
- Por que projetos que envolvem energia solar devem ser trabalhados de forma humanizada?
- Qual a diferença da geração centralizada para a geração descentralizada de energia.

Ativista Ambiental – Algum especialista na área de meio ambiente e preservação natural (perguntar o endereço, a idade e o telefone de contato)

- Como a energia solar pode colaborar com o combate às mudanças climáticas?

De posse desses dados, caímos em campo para a busca de informações para o desenvolvimento da reportagem.

A coleta de entrevistas começou no dia 12 de maio de 2019, no Assentamento Floresta, em Sousa, onde entrevistei o agricultor Genival Matias que contou sobre a conquista de um sistema fotovoltaico no seu terreno. O camponês utiliza a tecnologia de forma compartilhada com dois moradores da zona urbana: um residente em Sousa e o outro na

capital João Pessoa. O aparelho utilizado para a gravação foi o Sony ICD – PX240. A entrevista durou cerca de 10 minutos.

Depois da entrevista fui convidado a conhecer o assentamento, o que me ajudou a ter uma proximidade com o personagem a ponto de conhecer melhor o seu contexto a história do lugar que ele vive.

A segunda ocasião de entrevistas aconteceu no dia 17 de maio de 2019, no auditório do SEBRAE Regional de Sousa. Lá estava sendo realizada uma visita de intercâmbio entre ambientalistas do estado de Sergipe e os membros do Comitê de Energia Renovável do Semiárido, entidade responsável pela disseminação das energias renováveis na região. Na oportunidade, foi realizada entrevista com o coordenador geral do CERSA, César Nóbrega, e o coordenador técnico, Walmeran Trindade (doutor em engenharia elétrica da UFPB). Ao final, não consegui obter o contato do assessor do Fórum de Mudanças Climáticas e Justiça Social. No entanto, tive acesso ao podcast que ele fez sobre o sol, retirando desse áudio um trecho muito pertinente ao conteúdo que estava sendo produzido.

Para a elaboração do roteiro foi feita uma pesquisa para saber quais elementos sonoros combinavam com a narrativa. O intuito é utilizar-se de recursos linguísticos visando tornar a reportagem mais atrativa para o ouvinte. Nesta etapa, também foi definido os outros elementos da reportagem em áudio: música, efeitos, silêncio entre outros. Entre os artifícios escolhidos, destaca-se duas canções do compositor Roberto Malvezzi, uma música da banda cabaçal de São José de Piranhas\PB e um trecho do livro “Vidas Secas” de Graciliano Ramos.

➤ 2ª Reportagem: Potencial Turístico e Paleontológico do Vale dos Dinossauros

O tema escolhido para a segunda reportagem foi o Vale dos Dinossauros, já que Sousa e toda região da bacia do Rio do Peixe conta com várias trilhas de pegadas fossilizadas. Este patrimônio está passando por inúmeras dificuldades que podem levar ao seu desaparecimento. Entre elas podemos citar o curso do leito do Rio do Peixe que foi desviado para uma considerável parte das trilhas. O processo de erosão e o pisoteio dos animais de grande porte também são problemas que precisam ser superados para preservação das pegadas. Estes problemas são abordados poucas vezes na mídia sousense. Um livro que serviu como

embasamento para produzir o conteúdo desta reportagem foi “Vale dos Dinossauros” do antropólogo Carlos Azevedo. Assim, estruturamos as pautas de entrevista do seguinte modo:

Luiz Carlos Gomes – Ex-Bancário e Caçador de Pegadas e Fósseis - (perguntar idade)

- Como e por que o senhor começou a buscar por pegadas de dinossauro?
- Houve resistência da família em apoiar o senhor na busca desses artefatos tendo em vista que não há o devido reconhecimento pelo trabalho realizado?
- Como o senhor encontrou o primeiro fóssil catalogado no Vale dos Dinossauros?
- Os jovens se interessam em dar continuidade ao trabalho que é executado pelo senhor?

Robson de Araújo Marques – Guia Turístico do Vale dos Dinossauros – (perguntar idade)

- Como o senhor entrou na profissão de guia turístico?
- Além de guia, o senhor também é poeta e escritor, como é a sua rotina no Vale dos Dinossauros?
- E como é conviver diariamente com a caatinga onde fica situado o Vale Dos Dinossauros, levando-se em consideração que este bioma vem sendo depredado?

Aline Ghilardi – Professora do curso de Geologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (perguntar a idade)

- Por que a descoberta do Fóssil SousaTitan é um divisor de águas na história do Vale dos Dinossauros?
- Por que onde se encontra pegadas geralmente não se encontra fóssil?
- Quais são os fatores antrópicos e naturais que podem levar ao desaparecimento das pegadas de dinossauro?
- Quais são as saídas que podem prevenir um possível desaparecimento desse patrimônio?

**Marcelo Brandão – Professor de Geografia da UFCG- Campus Cajazeiras
(perguntar o endereço, a idade e o telefone de contato)**

- Além do patrimônio paleontológico, a região do Rio do Peixe também é rica em manifestações culturais pré-históricas que é muito pouco explorado. Fale um pouco sobre essas manifestações.

- O que é turismo científico? E como essa modalidade de turismo pode ajudar no desenvolvimento sustentável da região?

**Claúdio Furtado – Ex-Secretário de Ciências e Tecnologia da Paraíba e atual
Secretário de Educação**

- Como anda a criação do Instituto de Pesquisa Vale dos Dinossauros?

Depois da elaboração da pauta, caímos em campo a procura das entrevistas para a feitura da reportagem. No dia 31 de maio de 2019, fui recebido na casa de Luiz Carlos Gomes para gravarmos uma entrevista a respeito da descoberta das pegadas de dinossauro e do fóssil. Ele é bancário aposentado do Banco do Nordeste e na década de 1970 buscava minérios no solo do alto sertão paraibano. Com a chegada de Giuseppe Leonardi (paleontólogo italiano) na cidade de Sousa, Luiz Carlos aprendeu noções básicas sobre paleontologia e geologia, fato que lhe ajudou a encontrar pegadas e o primeiro fóssil de dinossauro catalogado no vale dos dinossauros.

Já no dia 11 de junho fui até a casa do guia turístico, Robson de Araújo Marques. Tentei realizar a entrevista no Vale dos Dinossauros que é o seu ambiente de trabalho. Porém, o entrevistado não se sentiu confortável para dar o seu depoimento no local de trabalho. Em sua residência, ele contou um pouco sobre sua rotina de trabalho. Um ponto que chamou a atenção nesta entrevista é que por algum motivo ele alega que as pegadas não correm o risco de desaparecer. Possivelmente, em uma tentativa de não comprometer a gestão municipal. Este trecho não foi colocado na reportagem já que não condiz com a realidade.

As entrevistas com a paleontóloga, Aline Ghilard (UFRN), e com o geocientista Marcelo Brandão (UFCG), foram realizadas por whatsapp devido a impossibilidade de

deslocamento para gravar o áudio. A professora Ghilard recém admitida na UFRN estava em São Paulo, e o pesquisador Marcelo Brandão reside em Cajazeiras.

A terceira ocasião de entrevistas ocorreu no dia 31 de julho, ocasião na qual o então secretário de Ciência e Tecnologia, Cláudio Furtado, esteve em Sousa para inaugurar a Escola Cidadã Integral de Sousa. Eu já tinha conhecimento prévio de que o secretário estaria na cidade, pois venho acompanhando de perto as discussões sobre a criação de um instituto que fomenta a pesquisa no Vale. Posteriormente, em outubro de 2019, Furtado seria nomeado secretário de educação do estado da Paraíba, nos obrigando a atualizar a sua titulação na reportagem.

Durante a elaboração do roteiro e edição incluímos durante a reportagem efeitos sonoros de dinossauros para causar uma maior imersão do ouvinte na narrativa. A trilha sonora dessa reportagem foi bastante específica, pois pela primeira vez não utilizamos música regional nordestina na maior parte desta edição, e sim, recorreremos ao cinema com canções do filme ‘Jurassic Park’ de Steven Spielberg e o filme de animação ‘Dinossauro’.

➤ 3ª Reportagem: Produção Artístico-Cultural Souseense

Na terceira reportagem demos enfoque à Produção Cultural de Sousa, principalmente aos artistas com pouco reconhecimento na mídia. Este tema é muito vasto e existem incontáveis personagens no sertão dignos de serem retratados na reportagem. Contudo, tivemos que fazer uma seleção com o intuito de entrevistarmos artistas que representem o cotidiano de quem trabalha neste ofício. Excepcionalmente nesta edição, o questionário foi repetido com 4 personagens: Maria do Carmo Abrantes, uma atriz que se destaca pela garra de fazer teatro com uma idade já avançada; Edicarlos Gomes Sobreira, um ator que faz teatro na periferia de Sousa atendendo jovens e crianças em alto grau de vulnerabilidade e os violeiros Geraldo Alves e Geraldo Oliveira, representantes da cultura popular. As perguntas foram feitas no sentido de descobrir deles qual foi o início da carreira, os desafios de se fazer arte no sertão, um momento de reconhecimento pelos serviços prestados e o motivo de continuar exercendo uma atividade que não traz retorno financeiro. Após a escuta dos artistas, o áudio foi complementado com informações a respeito do Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB), importante equipamento cultural implantado em Sousa que tem permitido o acesso

de bens culturais à população carente. Para tanto, a reportagem contou ainda com as entrevistas de Natarajan Ferreira, gerente interino do Centro Cultural Banco do Nordeste/Sousa e Laércio Ferreira de Oliveira Filho, cineasta e ex-secretário de cultura do município de Aparecida/PB.

Natarajan Ferreira, Gerente Interino do Centro Cultural Banco do Nordeste/Sousa- (perguntar idade)

- Por que o Banco do Nordeste resolveu instalar um Centro Cultural em Sousa, no alto sertão paraibano?

- Qual o impacto que o Centro Cultural trouxe para Sousa?

- E existem cursos de formação artística para a população?

- A biblioteca do Centro Cultural registra uma boa visitação. Qual é o grande atrativo deste espaço?

Laércio Filho – Cineasta e Ex-Secretário de Cultura do município de Aparecida/PB – (perguntar idade)

- Qual a importância da cultura no desenvolvimento regional?

- Qual a importância do estado para o enaltecimento da cultura?

Após a preparação da pauta fomos em busca dos entrevistados. No dia 9 de julho de 2019, fui recebido pela atriz, Maria do Carmo Abrantes, em sua residência para falarmos sobre sua carreira artística. O mesmo ocorreu com Edicarlos Gomes Sobreira que me recebeu na sede do seu grupo de teatro, no dia 26 de julho de 2019. Dois dias depois, acompanhei a dupla de violeiros, Geraldo Alves e Geraldo Oliveira tanto para captar o áudio da cantoria que eles estavam realizando quanto para entrevista-los durante a feira do bairro da Estação que ocorre semanalmente no domingo.

Posteriormente, no dia 14 e 15 de agosto, realizei as entrevistas com Natarajan Rodrigues, que me atendeu no Centro Cultural Banco do Nordeste e Laércio Filho que me recebeu na Fundação Municipal de Cultura, uma autarquia pertencente à prefeitura municipal de Sousa, responsável pela gestão cultural do município.

Na ilha de edição sonora utilizei música de artistas sousesenses como Afonso Gadelha, Glorinha Gadelha, Ivan Peter e Bartô Galeno. Todos eles possuem projeção nacional, mas pouquíssimas pessoas na cidade natal conhecem o trabalho destes artistas. Também foram acrescentadas duas canções do Quinteto Armorial e a instrumental ‘Sertão’ trilha da novela Cordel Encantado, que representam o sertão nordestino, além de ‘Gil Marley’, canção de Gilberto Gil regravado pelo conjunto Kid Abelha que retrata em sua letra sobre o tema da cultura. Propositamente, a abertura desta reportagem contém uma entrevista do cordelista, ator e poeta, Geraldo Bernardo Abrantes, tendo em vista que ele tem uma poesia que define o que é arte e é filho da primeira personagem de nossa história, a atriz Maria do Carmo Abrantes.

➤ 4ª Reportagem: Agricultura Familiar

Na quarta e última reportagem da série buscamos abordar como é a vida dos agricultore(a)s dos assentamentos do alto sertão paraibano, lançando um olhar menos estigmatizante sobre os trabalhadore(a)s do campo. Assim, procuramos ouvir os camponese(a)s que participaram da luta pela conquista da terra e quais são os desafios para permanecerem nela. Escutamos também a coordenadora da Comissão Pastoral da Terra/Sertão PB, Cecília Gomes, para saber a respeito das ações de acompanhamento que a pastoral promove nos assentamentos inclusive com a juventude para o enaltecimento da identidade camponesa. E para finalizar o professor Chico Nogueira, que é de origem camponesa e tem doutorado em Medicina Veterinária detalhou sobre os conflitos no campo, o impacto da agricultura familiar na economia local, a importância das famílias agricultoras no combate ao agrotóxico, a dificuldade de acesso aos mercados e a relevância de se conviver com o semiárido. Assim, a pauta ficou esquematizada da conforme descrição abaixo:

Socorro Gouveia – Presidente da Associação dos Moradores do Assentamento Acauã, em Aparecida - (perguntar idade)

- Antes das ocupações como era a realidade da Fazenda Acauã e qual era a monocultura que lá se produzia?

- Como foi organizada a ocupação?

- Como foram os despejos?
- Quais os desafios após a conquista terra?
- Após a conquista da terra como vocês passaram a produzir alimentos no Assentamento Acauã?

Joaquim Ivanilson (Neném) – Agricultor do Assentamento Juazeiro, em Marizópolis – (perguntar idade)

- Antes das ocupações como era a realidade da Fazenda onde hoje está instalado o Assentamento Juazeiro? Qual era a monocultura que lá se produzia?
- Como foi organizada a ocupação?
- Como foram os despejos?
- Quais os desafios após a conquista terra?
- Após a conquista da terra como vocês passaram a produzir alimentos no Assentamento Juazeiro?

Cecília Gomes – Coordenadora da Comissão Pastoral da Terra

- A luta não se limita apenas a conquista, qual a importância do acompanhamento da CPT na manutenção dos camponese(a)s na terra?
- Quais atividades a CPT desenvolve com a juventude tendo em vista o fortalecimento da identidade camponesa?

Chico Nogueira – Professor do Curso de Medicina Veterinária do Instituto Federal da Paraíba do Campus Sousa

- Qual a importância da agricultura familiar para promoção de uma alimentação saudável?
- Quais a importância das tecnologias de convivência com o semiárido para permanência do homem no campo?

- Qual os maiores entraves para o acesso do agricultor familiar ao mercado? Como o estado pode facilitar este acesso?

Com a pauta preparada, fomos em busca das sonoras para composição da matéria. No dia 10 de agosto de 2010, me desloquei até o Assentamento Acauã em Aparecida/PB para uma entrevista com a senhora Socorro Gouveia, líder comunitária da Associação dos Moradores do Assentamento Acauã. Neste mesmo dia, Socorro me levou até um jovem agricultor, Judivan Nunes, que me forneceu informações técnicas acerca do cultivo de alimentos sem o uso de agrotóxico. A visita a Acauã foi muito rica, tendo em vista que o Assentamento foi o pioneiro na luta pela reforma agrária no sertão da Paraíba.

Já no dia 17 de agosto fui até o Instituto Federal da Paraíba, que fica situado no distrito de São Gonçalo. Lá entrevistei o agricultor Joaquim Ivanilson (Neném) que está se formando em Agroecologia pela instituição. Ele falou sobre a ocupação na propriedade que depois se tornou o Assentamento Juazeiro, em Marizópolis/PB. Ainda no IFPB entrevistei o professor Chico Nogueira para informações científicas acerca da vida nos assentamentos e a produção agroecológica. Os Assentamentos Juazeiro e Acauã foram escolhidos por estarem mais acessíveis do que Assentamentos que ficam situados na própria cidade de Sousa.

No dia seguinte, fui até a cidade de Cajazeiras para gravar com a coordenadora da Comissão Pastoral da Terra, Cecília Andrade. Ela explicou sobre o trabalho de assessoramento da CPT junto às famílias agricultoras do alto sertão paraibano. Segundo a Pastoral foram criados nesta região 37 assentamentos beneficiando 1.389 famílias camponesas.

Na montagem da última edição colocamos como trilha Quinteto Armorial e Formiga Dub representando um som mais regional. Para encerrar inserimos a canção 'Terra' do Teatro Mágico que faz menção ao Movimento Sem Terra.

A produção final das reportagens foi feita no estúdio da Educativa 105 FM. As 4 edições das reportagens foram veiculadas em 4 sábados subsequentes durante os dias 16/11, 23/11, 30/11 e 07/12. Em seguida, o Jornal da Manhã da rádio Progresso AM reprisou as reportagens no período de 09 a 12 de dezembro demonstrando o apreço pela nossa produção. As reportagens também foram disponibilizadas no portal Jornal do Sertão e podem ser acessadas no seguinte endereço: portaljornaldosertao.com.br

ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados realizamos primeiramente a transcrição das entrevistas, analisando o que os informantes nos relataram sobre a recepção das reportagens. Dessa forma, buscamos relacionar todas as informações com as reflexões teóricas que fizemos neste trabalho.

O objetivo foi utilizar os instrumentos oferecidos pela entrevista em recepção e com isso compreender melhor como os informantes receberam as reportagens radiofônicas, bem como analisar e entender se este gênero jornalístico aplicado ao rádio cumpre com os seus anseios.

A primeira observação a ser feita é o fato de que três dos quatorze informantes descreveram a reportagem, como uma narrativa jornalística mais aprofundada, que busca contextualizar um fato através de uma pesquisa que dá respaldo ao conteúdo. Conforme Nóbrega (2019):

É uma matéria que vai além da notícia, do fato momentâneo. Ele traz uma historicidade, traz um aprofundamento que agrega vários elementos: a história, o conteúdo, ouvir as partes envolvidas que normalmente é usado em reportagem de vídeo, em matéria escrita, mas que o rádio pelo menos na nossa região não traz em sua grade editorial, em sua grade de programação. (NÓBREGA, 2019)

Cinquenta por cento dos informantes acreditam que a valorização do personagem no relato de uma notícia também é um fator de atração para o ouvinte por gerar empatia, principalmente, por serem pessoas que fazem parte do cotidiano do espectador. A sensação de pertencimento faz com que seja possível uma maior imersão da pessoa que escuta na temática abordada na reportagem.

Em relação às contribuições que as reportagens radiofônicas podem dar ao jornalismo sousense, nove informantes falaram que este gênero jornalístico poderia suprir uma lacuna na grade de programação das emissoras de rádio da cidade, que carece de uma abordagem mais direcionada ao interesse popular em detrimento dos interesses políticos empresariais. Ferreira (2020) afirma:

Apesar de não ser um estudioso da área específica, como ouvinte e cidadão do sertão paraibano entendo que a série por si só já representa muitos aspectos que são diferentes do jornalismo que somos acostumados a ouvir nas rádios de nossa cidade, geralmente ligado ao sensacionalismo de cunho político ou que reforça facetas das características tradicionalistas – com raras exceções.

Quando Natarajan fala sobre o sensacionalismo de cunho político, cabe lembrar que esse tipo de acontecimento está muito ligado à concentração dos meios de comunicação e o pouco investimento em produções midiáticas regionais que atuem de forma plural e independente, apesar de um certo avanço proporcionado pela internet.

Para o vereador Cacá Gadelha (2020), elaborar uma reportagem radiofônica com um conteúdo voltado para a valorização das potencialidades locais, é fazer política no melhor sentido do termo. Uma política que incentiva o fortalecimento da cidadania e o sentimento de pertencimento à comunidade.

são programas extremamente importantes não só a título de informação como até incentivo para que outras pessoas possam fazer o mesmo e atinar a todos os sousenses, os sertanejos - e por que não dizer os paraibanos? - da importância do que é o Vale dos Dinossauros para a nossa cidade, para a nossa região. (Gadelha, 2020)

Percebe-se diante das declarações prestadas pelos entrevistados que há uma certa rejeição à forma hegemônica que se transmite informações na mídia regional. Em contraponto, a sociedade necessita refletir sobre outros recursos alternativos de comunicação que promovam o direito a liberdade de manifestação do pensamento de forma plural e democrática.

O formato de reportagens é extremamente importante para ser implantado no jornalismo em Sousa. O jornalista usou o método eficaz para divulgar os fatos. As reportagens são bem elaboradas, justamente pelos off's e os personagens que participaram. (WEBE, 2020)

O fato de Afonso Webe, um profissional de imprensa que lida diariamente com a informação no rádio, afirmar que o gênero reportagem é um método eficaz de divulgação dos fatos, reforça que o flerte com a literatura e o uso da inventividade no texto facilitam a compreensão do ouvinte sobre o que está sendo contado.

A respeito da série ‘Um Outro Ouvir Sobre o Sertão’, o radialista e advogado George Wagner respondeu: “exige do profissional a exploração do ambiente externo, deixando o jornalismo trivial realizado basicamente no estúdio e através da pesquisa em redes sociais. (WAGNER, 2020)

Wagner (2020) ao descrever suas percepções sobre a reportagem, critica o hábito que uma parcela dos comunicadores de Sousa têm de noticiar sem planejar uma pauta, montar um roteiro e realizar uma pesquisa prevalecendo o improvisado no lugar da organização.

“Um outro Ouvir sobre o Sertão” demonstra ter sido uma matéria lapidada zelosamente, isto é, transparece que houve um trabalho de curadoria e pesquisa, de estudo, de busca, roteirização e edição. Acredito que este seja uma contribuição que deveria ser notada por outros profissionais e iniciativas jornalísticas da cidade, porque perpassa para o ouvinte que o conteúdo que está chegando para ele foi construído com profissionalismo, com dedicação e esforço. (FERREIRA, 2020)

Outro fato importante observado por meio dos relatos é que este trabalho jornalístico se configura como um produto midiático educacional. Ter essa percepção do receptor se mostra positivo pois o intuito desde o começo do projeto era promover o conhecimento sobre as potencialidades locais de forma educativa. Assim, Natarajan, corrobora com a ideia de que a série de reportagens pode servir como uma fonte pedagógica de consulta para estudos e pesquisas.

O fato de contar a história dos grupos e artistas locais também faz da matéria jornalística um documento que serve de referencial histórico para a posteridade, ou até mesmo de fonte material para o desenvolvimento de estudos e compartilhamento de informações em escolas ou universidades. (FERREIRA, 2020)

Para Bernardo (2020), o estilo de jornalismo proposto neste projeto teria dificuldades em estar entre os primeiros lugares de audiência. O cordelista defende a necessidade de uma educação midiática através da educação formal para que uma série de reportagens radiofônicas possa emplacar entre os mais escutados da região. Com efeito, a educação é imprescindível para que o cidadão amplie seus horizontes e possa assim fazer uma escolha mais crítica na hora de sintonizar o seu noticiário. No entanto, o rádio é uma mídia segmentada e trabalha com públicos específicos, o que significa que a reportagem em profundidade pode ser utilizada em qualquer emissora de rádio, desde que o tema seja de interesse do perfil do seu ouvinte.

Corroborando com a ideia de educação para a mídia, o cineasta Carvalho (2020) aponta o seguinte:

Se esse conteúdo viesse ser praticado no jornalismo local, primeiro iríamos encontrar um estranhamento, principalmente por toda uma geração formada pela indústria cultural, a mercadoria principal é das oligarquias políticas, rádios são

arrendadas para plantarem visões politiquieras de determinados grupos. Mas toda formação precisa de um início e de uma manutenção para gerar ressonância. (CARVALHO, 2020)

Perguntado sobre as contribuições que a série de reportagens pode oferecer ao jornalismo local, Oliveira (2020) responde que pode servir de estímulo para que os jovens conheçam o trabalho dos artistas populares locais. Deste modo, pode se inferir que o um trabalho de reportagem que contemple a cultura local e enalteça os artistas que são colocados à margem pelos grandes veículos de comunicação, com a finalidade de difundi-la de uma forma justa e agradável se constitui como um fenômeno de folkmídia⁸. Este tipo de abordagem é fator de estímulo fazendo com que o cidadão possa alargar seus horizontes para além do que lhe é oferecido pela indústria cultural, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural local e a construção da soberania.

A propósito do assunto, o ator e diretor teatral Walbert Mattos (2020), afirma que a respeito da reportagem sobre produção cultural local “existem outras categorias bem mais marginalizadas, como a Cultura Popular da zona rural, os grupos de Hip-Hop na periferia da cidade, as Escolas de Samba, as Quadrilhas Juninas e tantas outras manifestações que estão à margem.” Isto demonstra o tamanho da demanda que uma cidade de médio porte como Sousa oferece para um jornalismo cultural folkcomunicativo, que infelizmente ainda não é praticado no município

Perguntado sobre as impressões que teve sobre a produção da reportagem Mota (2020), revelou o seguinte: “os entrevistados não são indivíduos quaisquer que foram encontrados na rua para expressarem suas opiniões subjetivas, mas são pessoas minuciosamente escolhidas, que responderam com propriedade cada uma das perguntas.” Ressalta-se aqui que evitar a escuta de pessoas aleatórias sobre determinados assuntos não implica a exclusão da participação popular no processo. Um vendedor ambulante que trabalha em uma festa tradicional de uma cidade há mais de 30 anos tem bagagem mais do que suficiente para falar sobre o tema e deve ser escutado sobre os problemas que afligem seu trabalho no período festivo. Porém, quando se trata de assuntos que exigem conhecimento técnico, o mais apropriado é que se escute as fontes oficiais e especializadas dialogando com pessoas que detêm o conhecimento empírico da realidade sempre que puder. É dever do produtor da reportagem promover o diálogo entre os diversos saberes de forma democrática e

⁸ consiste na interação entre os meios de comunicação de massa e a folkcomunicação, ou seja, o uso tanto de elementos oriundos do folclore pela mídia como a utilização de elementos da comunicação massiva pelos comunicadores populares. (LUYTEN, 2002, p. 02).

plural, mas com o cuidado de não deixar que se prevaleça o senso comum, o negacionismo da realidade e as teorias conspiratórias.

Conforme informou Arnaud (2020), jovem estagiária do Tribunal de Justiça da Paraíba, ao ter contato com a reportagem da vida dos camponese(a)s nos assentamentos de reforma agrária a reportagem lhe permitiu “ver essas pessoas com um olhar mais humanizado e menos técnico, pois foi possível conhecer mais profundamente as dificuldades enfrentadas no cotidiano desses agricultores.” Esta afirmação corrobora com premissa de que o relato humanizado aproxima o ouvinte dos personagens e dos fatos narrados, gerando empatia e aguçando a curiosidade sobre a história contada. Arnaud (2020), sem saber que disponibilizamos as reportagens nas plataformas digitais, sugeriu que colocássemos o conteúdo em serviços de streaming no formato de podcast. Indubitavelmente, utilizar-se dos recursos digitais como forma de ampliar a distribuição de conteúdo jornalístico é uma rotina que poderia ser incorporada pelas emissoras do interior nos moldes do que acontece nas grandes emissoras do país.

A partir dessas declarações, percebemos o tamanho do impasse para que a gestão das emissoras de radiodifusão da cidade de Sousa, pensem em reformular sua grade de programação, tendo em vista que podemos perceber que os ouvintes mais esclarecidos sentem a necessidade de conteúdos mais propositivos e instrutivos nos jornais locais. Podemos notar que há uma predileção dos entrevistados por programas menos sensacionalistas e que abordem outros critérios de noticiabilidade.

Abordando a importância de se adotar outros critérios de noticiabilidade nos programas de radiojornalismo local, Beto Silva (2020), repórter cinegrafista da TV Paraíba, avalia que dar visibilidade a temas como cultura e curiosidade regional é um primeiro passo para levar o jornalismo para um outro patamar. Segundo ele:

muitos colegas estão habituados com outro gênero, político, policial, fofoca, fakenews enfim. O público ouvinte cansa disso. Lógico que essas informações de factuais político e policiais tem que existir nos programas, mas notícias sobre cultura, curiosidade de nossa região também tem que existir. Se a informação for de qualidade sempre terá público para consumi-la.

Ainda sobre critérios de noticiabilidade, Alexandre (2020), também reforça que o jornalismo local se resume a abordar as mesmas pautas e que é preciso se modernizar. “Precisa-se inovar. O tipo de jornalismo apresentado no áudio trata-se de um informativo

importante para que o homem sertanejo conheça sua região e saiba quais são os meios de minimizar os problemas que sempre fez a região ser vista como inviável. ” (ALEXANDRE, 2020)

Assim, surge a seguinte provocação: não seria necessária uma pesquisa de satisfação para o melhoramento das grades de programação? Ouvir a população seria um bom “termômetro” para medir a satisfação da sociedade com relação à qualidade dos programas de rádio, porém até o término desta dissertação não há registro de nenhuma pesquisa para verificação de audiência. E esta inércia em não ouvir o que população pensa sobre o rádio se deve muito à venda de horários por parte da emissora e o seu atrelamento a grupos políticos locais que engessam as pautas dos programas.

É necessário destacar que a inserção da reportagem em profundidade, nos programas jornalísticos de Sousa, só ocorrerá com uma profunda mudança de pensamento dos gestores de radiodifusão local. Este trabalho é apenas uma semente para que os comunicadores, as rádios educativas, comunitárias e webrádios além da própria sociedade através das instituições que fomentam o saber, impulsionem o debate sobre a utilização deste gênero nas emissoras de rádio. Conforme Nóbrega (2019), é importante trazer essas discussões ao centro do debate, envolvendo a comunidade e questionando as emissoras as razões para não utilização.

Dessa forma, é importante ressaltar a importância das rádios educativas e comunitárias, que em tese, não são passíveis de subordinação, oferecendo uma maior liberdade para que os comunicadores usem e experimentem outros recursos de promoção da cidadania que as emissoras comerciais não podem oferecer. E isto favorece o propósito dessas entidades que devem desenvolver projetos que contribuam para o desenvolvimento sustentável local por meio da comunicação.

Em síntese, a informação apresentada durante as entrevistas nos leva a observar que as mídias de comunicação radiofônica na cidade de Sousa ainda estão distantes de um padrão inclusivo, social e educativo, por isto, outras possibilidades que aprimorem o exercício da cidadania precisam ser testadas e analisadas como é o caso da reportagem em profundidade.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção da série “Um Outro Ouvir sobre O Sertão”, enquanto uma proposta de alternativa ao radiojornalismo que vem sendo praticado no sertão da Paraíba, é desafiante a começar pela pouca literatura existente sobre a imprensa de Sousa. Assim, recorreremos a um estudo de natureza qualitativa, para escutar membros da sociedade civil sobre as percepções que tiveram a respeito desta forma de se fazer jornalismo em comparação ao que se escuta atualmente nas emissoras locais.

Durante a produção das reportagens da série, foi possível compreender a importância de se desenvolver mais trabalhos jornalísticos que pautem assuntos voltados para o desenvolvimento regional. Ao realizar a pesquisa sobre os temas abordados nas 4 edições da série “Um Outro Ouvir Sobre o Sertão”, nos portais de comunicação da cidade foram encontradas várias notícias sem nenhum tipo de aprofundamento, salvo algumas exceções.

Diante da avaliação das pessoas que ouviram a reportagem, constatamos que há uma aceitação do ouvinte qualificado, por este gênero jornalístico, muito em função de suas contribuições para o desenvolvimento regional e por instiga-lo a conhecer temas do cotidiano com um maior aprofundamento. No entanto, para atingir as camadas populares competindo com programas que apelam para a ‘baixaria’ e o desrespeito aos direitos humanos é necessário qualificar o debate público sobre a imprensa, principalmente no interior.

Parte dos entraves em progredir no estabelecimento de organismos de participação popular na área das comunicações vem da oposição que os próprios conglomerados de mídia realizam a qualquer tentativa de formação de um ambiente formal de escuta da sociedade para a definição das diretrizes e normas do segmento. Afeitos a proteger seus interesses econômicos e políticos em uma relação bastante estreita com o poder público, os grandes grupos de mídia combatem incessantemente a formação de ouvidorias e conselhos e a promoção de conferências neste setor. Usam inclusive o poder de seus próprios canais de informação para formar uma opinião pública avessa à participação social na política em geral, e, de modo mais específico nas comunicações, tachando o pleito por participação popular de atentado contra a democracia e violação da liberdade de expressão.

Assim, os oligopólios de mídia no Brasil estão concentrados nas mãos de poucas famílias, que detém influência na formação da opinião pública. Em Sousa, seguindo a estrutura midiática corrente no país, as emissoras, em sua maior parte, pertencem aos grupos políticos locais ou estão atreladas a eles. O grupo Gadelha, por exemplo, detém a concessão de três emissoras de rádio na cidade. Uma das formas mais essenciais de se propor alternativas para a pasteurização informativa e concretizar a pluralidade e diversidade de conteúdo é assegurando a proibição da propriedade cruzada de meios de comunicação em sintonia com as práticas que vêm sendo adotadas em boa parte dos países democráticos do mundo. No entanto, há um longo percurso político para chegar ao fim da propriedade cruzada dos meios de comunicação.

Enquanto esta conquista não é alcançada, o poder público, os movimentos sociais, os sindicatos, associações, as instituições de ensino e cultura, os partidos políticos e muitos outros segmentos aqui não mencionados tem responsabilidade com a comunicação social e devem pautar discussões envolvendo a mídia enquanto um espaço de mediação de conflitos, poder e debates. No caso do sertão paraibano, é imprescindível que os políticos locais (deputados, prefeitos e vereadores) assumam uma série de compromissos e responsabilidades com as emissoras de rádio fomentando a inovação, a capacitação e a valorização dos profissionais.

Os diversos agentes sociais devem cobrar dos governantes nas esferas municipal, estadual e federal o uso dos mecanismos de incentivo econômico para estimular também a difusão de meios alternativos de comunicação como cooperativas de jornalistas, cooperativas de produtores culturais, webrádios, webtvs e jornais comunitários, utilizando-se para tanto das vultuosas verbas publicitárias que na maior parte das vezes se concentram nas mãos de poucos veículos.

Neste sentido, o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação e o intervozes deve se aproximar mais das experiências exitosas no campo da comunicação comunitária, fomenta-las e tomando-as como exemplo, promover a incidência política para implementação de políticas públicas de subsídio à projetos de educomunicação e à disseminação de canais alternativos de comunicação. Assim, a formação de cidadãos críticos na recepção das mensagens midiáticas estimulando a predileção por outras formas de se consumir a notícia que não só a ‘baixaria’ aliada a ampliação de veículos de comunicação alternativa e popular

com produção local, podem promover a quebra da estandardização de conteúdo abrindo espaço para outros gêneros jornalísticos como a reportagem em profundidade.

Quanto aos critérios de seleção de notícia, as emissoras da cidade de Sousa deveriam apostar mais em pesquisas de opinião para saber qual o perfil do seu ouvinte. É muito comum, escutar reclamações dos ouvintes de que as rádios só falam de política (se referindo a politicagem), um assunto que muitas vezes não é do interesse de quem escuta, principalmente dos mais jovens que podem optar por desligar o rádio e usufruir das várias possibilidades que a internet oferece para a informação e entretenimento.

. Ao veicular a reportagem no rádio e nas plataformas digitais estamos colaborando para que o ouvinte conheça de forma mais expansiva temas da sua região, subsidiando o pensamento crítico a respeito de assuntos que impactam no seu cotidiano. Neste sentido, a internet se torna uma aliada, ampliando o acesso à informação e permitindo a reprodução da matéria de forma atemporal, e em qualquer lugar, podendo ser conferida nos aparelhos móveis e posteriormente estando à disposição de entes educacionais para fins pedagógicos.

A comunicação influencia nos rumos sociais e políticos dos municípios interioranos. Lamentavelmente, os comunicadores da região não possuem condições para uma formação técnica e muito menos humana na área de jornalismo. A aprendizagem que essa produção nos trouxe, em termos de pesquisa e de ouvir cada pessoa e suas histórias foi enriquecedora para uma imersão nos temas abordados. Logo, a grande reportagem radiofônica pode contribuir para romper com o senso comum dos radialistas em cima de temáticas que são debatidas nos noticiários locais.

A relação do ouvinte com a informação nas cidades do interior possui uma singularidade, pois os munícipes estão mais próximos dos acontecimentos e das fontes de informação. Isto implica dizer que o receptor muitas vezes dispõe da informação antes do rádio noticiar. Por isso, são mais críticos quanto ao que escutam no rádio, tendo em vista uma maior proximidade com os fatos narrado. Isto exige do radiojornalismo local um diferencial que pode ser oferecido através do aprofundamento reflexivo e interpretativo da informação.

Diante de um contexto de engessamento nos programas noticiosos de rádio do sertão, há uma resistência em tornar os membros das camadas subalternas em sujeitos ativos no processo de produção de um informativo. Entretanto, o radiojornalista pode encontrar na reportagem um subterfúgio para uma relação dialética humanizada entre comunicador e

sociedade, valorizando não só especialistas, mas abrindo um espaço de destaque para o saber popular. Ressalta-se aqui a importância que as emissoras de rádio têm ao abrir espaço para participação do ouvinte através do telefone e do Whatsapp, permitindo que o cidadão fale acerca dos acontecimentos cotidianos de sua comunidade ou expresse sua opinião sobre eventos políticos, sociais e culturais. No entanto, as participações em programas radiofônicos não podem se restringir ao famoso ‘fala-povo’ para dar um verniz de “democracia” e fazer com que o posicionamento do comunicador se sobreponha ao do ouvinte. O comunicador deve mediar o diálogo dando visibilidade a ausência de direitos da população, conscientizando-a por meio de uma educação emancipatória e procurando sempre que possível estimular e reforçar seu protagonismo na solução dos problemas.

Não é incomum, em várias cidades que rádios educativas e comunitárias, isto é, aquelas que deveriam ter uma liberdade maior para experimentar outros formatos, estejam comprometidas com agendas políticas, muito por causa da falta de apoio cultural das empresas. Neste contexto, as emissoras devem encontrar alternativas para sua sustentabilidade não só através do marketing mas também na gestão de projetos para financiamento de sua grade de programação.

Assim, este trabalho não se constitui como a solução para todos os problemas apresentados, mas sim, como uma singela contribuição para a melhora do trabalho dos radialistas que trabalham com a informação no interior da Paraíba. Nossa missão foi demonstrar que é possível e preciso dar um primeiro passo na construção de uma nova forma de fazer rádio: um rádio democrático, plural e participativo que contribui para o desenvolvimento local e com a construção da cidadania, disseminando junto aos seus ouvintes um outro ouvir sobre o sertão.

A expectativa é de que este trabalho possa dar visibilidade para as principais problemáticas que assolam o sertão e contribuir com as organizações, como por exemplo, a CPT Sertão/PB, que atua junto aos agricultore(a)s em assentamentos e áreas de conflito de terra, para que reivindiquem ao poder público a efetivação de políticas públicas que superem os desafios enfrentados pelos setores mais vulneráveis da população.

É importante destacar que a maior parte da população carente desconhece os seus direitos, a sua história e os seus valores. Então, é pretensão da série de reportagens ‘Um Outro Ouvir Sobre o Sertão’ desempenhar o papel do bom jornalismo, chamando atenção dos jovens, dos artistas, dos camponese(a), dos trabalhadores informais, dos cigano(a)s e demais

membros das comunidades periféricas, para esses aspectos, usando a informação e a reflexão como alibi para lutar contra o conteúdo domesticante utilizado com frequência pelos principais veículos do Brasil e replicado pelas estações de rádio de todo o território nacional.

Paulo Freire afirmava com justiça que "a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Elas transformam o mundo." A partir desse pressuposto, torna-se cabível pensar que o presente trabalho fomenta um processo educativo para o ouvinte conhecer o mundo ao seu redor e ter uma visão mais abrangente da realidade local. Isso contribui com a compreensão social e política do ambiente em que o sujeito está inserido e ajuda a desconstruir estigmas e estereótipos legitimados pela mídia de massa. Ter uma série de reportagens dissonante do que se executa nas emissoras de rádio do sertão da Paraíba é subsidiar o ouvinte de critérios para um ouvir mais crítico e contribuir para a formação de um sujeito autônomo. Diante dessas ponderações, podemos afirmar que este produto midiático coopera com a função de uma rádio educativa que tem como prerrogativa ampliar o coeficiente cultural e educativo de seus ouvintes.

O compromisso de "Um Outro Ouvir Sobre o Sertão" é abrir portas para que várias outras potencialidades da cidade de Sousa e vários personagens locais possam ser exploradas em futuros trabalhos de áudio tanto no rádio convencional quanto com as infinitas possibilidades que a internet oferece.

O trabalho traz uma importante contribuição para minha formação enquanto profissional, a partir do momento, em que saí do conforto do estúdio e iniciei um sério trabalho de investigação sobre os temas abordados. É nítida a diferença do olhar que tenho sobre tais assuntos antes e depois da produção das reportagens. Acredito que a produção de conteúdo em profundidade incorporada à rotina do comunicador com certa regularidade pode quebrar estigmas e ajuda-lo na capacidade de compreender os fatos com maior inteligibilidade. Além disso, tive a oportunidade de trabalhar com habilidades que até então não possuía como é o caso da edição do programa que foi executado por mim no estúdio da emissora.

Em vários momentos durante as reportagens, fizemos o flerte das informações jornalísticas com a cultura popular nordestina através das trilhas de fundo, da literatura e da poesia. Na terceira reportagem, que versa sobre produção artístico cultural sousense, abordamos assuntos culturais tais como o repente e o cordel. Todos esses elementos fazem com que a folkcomunicação esteja presente no trabalho jornalístico. Este tema possui uma

imensurável quantidade de pautas que podem ser abordadas em outras reportagens como: as festas de padroeiro, as bandas de pífano da região, as vaquejadas, os aboios, as rendeiras etc. A utilização de recursos da folkcomunicação na atividade midiática é artifício essencial para a sustentação de uma emissora de radiodifusão local, pois as pessoas primam pela proximidade e pelo afeto ao seu local de vivência.

Para dar mais visibilidade a esta ideia pretendo prosseguir pesquisando e elaborando projetos para editais de cultura que incentivem a produção de trabalhos de áudio. Assim, estarei demonstrando aos profissionais da área que é possível fazer um trabalho intelectual e inventivo através do rádio e suas sofisticções no sertão da Paraíba. Para aprimorarmos este trabalho, sem dúvidas, é necessário que instituições como a Associação Paraibana de Imprensa, o Sindicatos dos Radialistas, uma futura Associação Souseense de Imprensa e até mesmo os campis das universidades sertanejas, de forma interdisciplinar, promovam esta discussão. Um veículo como o rádio que impacta o cotidiano das cidades interioranas, como é o caso de Sousa, não pode ser relegado ao esquecimento pela academia e pela sociedade civil, muito pelo contrário, devem contribuir para formação técnica e reflexiva dos profissionais desta região, aprimorando o método jornalístico de apuração da realidade e conscientizando-os seu papel de agente de transformação social.

O documentário e a reportagem são gêneros muito comuns em emissoras de rádios públicas e privadas dos Estados Unidos e da Europa. Não existe esta tradição no Brasil, em especial no interior do Nordeste. Traçando um paralelo entre a reportagem especial sonora e a reportagem especial no audiovisual, percebe-se que há uma certa glamourização do audiovisual, com leis de incentivo, editais e apoios públicos e privados possibilitando o surgimento de vários realizadores. Sendo o sertão da Paraíba um lugar onde o rádio ainda continua tendo um alcance e uma influência de mobilização política e social tão grande, é cabível pensar que festivais e premiações poderiam ser fator de estímulo para o desenvolvimento de produções radiofônicas.

Em suma, a nossa principal consideração e expectativa é que a reportagem em profundidade seja o ponto de partida para que os profissionais de imprensa do sertão da Paraíba possam refletir sobre suas rotinas produtivas na busca pela excelência e pela responsabilidade social inerente ao exercício da profissão, além da própria valorização da categoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Paulo. **A Municipalização dos Serviços de Saneamento: Uma Análise Jurídico-Hídrica do Gerenciamento em Sousa-PB, Adotado Pelo Departamento de Águas, Esgotos e Saneamento Ambiental-DAESA. 2015. 123 p.** Dissertação (Mestrado em Recursos Naturais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, 2015.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. **A Invenção do Nordeste e outras artes.** São Paulo: Cortez. 2011.

AMARAL, Luiz. Jornalismo: **Matéria de Primeira.** Página. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

ASSIS, Francisco de. Jornalismo, desenvolvimento e cidadania – pensar conteúdo é uma forma para promover uma imprensa comprometida com a sociedade, In: **Revista Mediação/Universidade FUMEC** Vol. 14, Nº 14 - janeiro/junho 2012. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/542/pdf> Acesso: 25/012/2019.

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofonico.** Madri: Cátedra, 1994.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet.** 2. ed. Ver. Atu. 5. reimp. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** São Paulo. Paulinas, 2003.

BELTRÃO, Luiz. **A Imprensa Informativa,** São Paulo, Folco Masucci, 1969

_____. **O Jornalismo interiorano a serviço das comunidades.** In: ASSIS, Francisco de (org.). Imprensa do Interior: conceitos e contextos. Chapecó, SC: Argos, 2013.

BOISIER, Sergio. Desenvolvimento. In: SIEDENBERG, Dieter. (Coord.). **Dicionário de desenvolvimento regional.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

BORDENAVE, Juan. Além dos Meios e Mensagens. Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 10ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BORJA, Jordi & CASTELLS, Manuel. Local y global. **La gestión de las ciudades en la era de la información**. Madrid, United Nations for Human Settlements/Taurus/Pensamiento, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, José. **Sobre a conversação**. In: FAUSTO NETO, Antonio; PORTO, Sérgio e BRAGA, José (orgs.) *Brasil – Comunicação, Cultura e Política*, Rio de Janeiro, Diadorim, 1994,

BRECHT, Bertolt. **A Teoria do Rádio**. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (Org.). *Teorias do Rádio*. v. I. Florianópolis: Insular, 2005.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional**. Minerva, 2002.

CANELA, Guilherme; NASCIMENTO, Solano. **Acesso à Informação e Controle Social das Políticas Públicas**. Andi, Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.acessoainformacao.gov.br/> Acesso em: 23 de Abril de 2019.

CEBRIAN HERREROS, Mariano. **O rádio no contexto da comunicação multiplataforma**. In: *Rádio Leituras*, Universidade Federal de Ouro Preto: Ano II, nº 02, p. 69-105, juldez, 2011. Disponível em: <https://radioleituras.files.wordpress.com/2012/04/3-cebrianherreros-pt.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

CERQUEIRA, Laerte. **A função pedagógica no telejornalismo – e os saberes de Paulo Freire na prática jornalística**. Insular: Florianópolis, 2018.

CERVO, Amado; BERVIAN, Pedro; DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CLEMENTINO, Maria. **Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos 70**. Natal: UFRN/CCHLA, 1995.

COMASSETTO, Leandro. O Rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 8, n. 16, 2007.

DEL BIANCO, Nélia. **Rádio e o cenário da convergência tecnológica**. In: DEL BIANCO, Nélia. (Org.) O rádio brasileiro na era da convergência. São Paulo: Intercom, 2012.

DORNELLES, Beatriz. **Jornalismo “Comunitário” em Cidades do Interior**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2004.

ESTEVES, João. **Comunicação regional e local em Portugal**. In: Revista de Comunicação e Linguagens. Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens. Lisboa: 1988.

FERRARETTO, Luiz. Alterações no modelo comunicacional radiofônico: perspectivas de conteúdo em um cenário de convergência tecnológica e multiplicidade da oferta. In: Luiz Ferraretto; Luciano Klöckner. **E o rádio? Novos horizontes midiáticos (Orgs.)**. Porto Alegre : Edipucrs, 2010.

_____. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2007.

_____. **Rádio – teoria e prática**. São Paulo: ed. Summus, 2014.

FERRAZ, Augusto. **Agenda da Cidade**. Sousa/PB, 2013.

FORT, Mônica. **Televisão Educativa: a responsabilidade pública e as preferências do espectador**. São Paulo: Annablume: 2005.

FONTCUBERTA, Mar de. **A Notícia: pistas para compreender o mundo**. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

FRANCISCATO, Carlos. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. Aracaju: Editora UFS, 2005

FRANCO, Augusto. **Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável**. 2. ed. Brasília: Instituto de Política, 2000.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 4 o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADELHA, Julieta. **Antes que ninguém conte.** João Pessoa: A União, 1986.

GHILARDI, Aline M. et al. **A new titanosaur from the Lower Cretaceous of Brazil.** Cretaceous Research, v. 67, p. 16-24, 2016.

GIL, Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HAMELINK, Cees. **Globalização e cultura do silêncio.** In: HAUSSEN, Doris F. (org.), Sistemas de comunicação e identidades na América Latina. Porto Alegre: Edipucrs/Intercom, 1993. p. 7-14.

IBGE, 2010. Produção da pecuária municipal em 2010. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao Município de Sousa-PB. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sousa/panorama>> Acesso em 10 de Abril de 2019.

IBGE, 2010a. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 2010. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao Município de Sousa-PB. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sousa/panorama>> Acesso em: 10 de Abril de 2019.

IBGE, 2016. Trabalho e Renda de 2016. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao Município de Sousa-PB. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sousa/panorama>> Acesso em: 10 de Abril de 2019.

JOSÉ, Carmem e SERGL, Marcos. **Voz e Roteiros Radiofônicos.** São Paulo: Paulus, 2015.

KAPLÚN, Mário. **El comunicador popular.** Quito: CIESPAL, 1985.

_____. **Producción de Programas de Rádio: el guion, la realizacion.** Quito: Ciespal, 1978.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** 1. ed. São Paulo : Editora 34, 1999.

LIMA, Maria. **Mídia Regional: indústria, mercado e cultura**. Natal, RN: Editora da UFRN, 2010.

LIMA, Valéria. **Gestão dos Recursos Hídricos: Conflito e Negociação da Água do Canal da Redenção – Sertão da Paraíba**. 2009.176p. Dissertação (Mestrado em Geografia) da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

LIMA, Zita de Andrade. Regionalização do rádio e desenvolvimento nacional. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, n. 63, p. 31-38, 1969.

LOPES, Maria Vassallo. **O Rádio dos Pobres: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social**. São Paulo: Loyola, 1988.

LUYTEN, Joseph. **Folkmídia, nova acepção da palavra**. Trabalho apresentado no V Folkcom – Santos (SP) – maio de 2002 e no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2002) - Salvador (BA) - de 01 a 05.09.2002.

MAGALHÃES, Hélio Augusto. **Comunicação e Desenvolvimento no Meio Rural**. Goiânia. 2009.

MARCONDES FILHO. **O princípio da razão durante. Por uma lógica dos processos em comunicação**. São Paulo: Filocom ECA/USP, 2009.

MARTINO, Luís. **Mídia e poder simbólico**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MARQUETTO, Cristine. **A Implementação Social do Pensamento Crítico Midiático: a Escola como Dispositivo**. In: INTERCOM - XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. XXXIX Congresso Intercom São Paulo - SP. São Paulo, 2016.

MASSARANI, Luisa; DIAS, Eliane (Org.). José Reis: reflexões sobre a divulgação científica. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2018.

MASCARENHAS et al. (ORG). Serviço Geológico do Brasil. Diagnóstico do Município de Sousa, Estado da Paraíba. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005. Disponível em:<
<http://www.cprm.gov.br/>> Acesso em: 19 de Abril de 2019.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica.** Tradução Mauro Silva. São Paulo: Summus, 2001.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista – O Diálogo Possível.** São Paulo: Ática: 1986.

MELO, José Marques (Org.). **Comunicação na América Latina: Desenvolvimento e crise.** Campinas, SP: Papirus, 1989.

MESQUITA, Giovana. **Jornalismo e desenvolvimento local: análise do Jornal do Comércio Agreste, Pernambuco.** Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2009.

MOM-Brasil. **Media Ownership Monitor Brasil**, 2017. Disponível em: <https://brazil.mom-rsf.org/br/> Acesso em 26 de agosto de 2019.

MORAES, Dênis de. **Vozes abertas da América Latina.** Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2011

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham. **Linguagem da cultura de massa.** Petrópolis, Vozes, 1973.

MOTTER, Paulino. **O uso político das concessões das emissoras de rádio e televisão no governo Sarney.** Comunicação & Política, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 1, 1994,

NABUCO, Maria Regina. **Celso Furtado e o Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

NASCIMENTO, Pereira. **História da Radiodifusão na Paraíba.** João Pessoa: Persona, 2003.

NASSAR, Silvio Júlio. **1000 perguntas – televisão**. Rio de Janeiro: Rio Estácio Sá, 1984.

ORTRIWANO, Gisella. **A informação no rádio**. São Paulo, Summus, 1986.

PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 horas de jornalismo**. Editora Panda, 2000.

PEREZ, Clotilde; BAIRON, Sérgio. **Comunicação & Marketing**. São Paulo: Futura, 2002.

PERUZZO, Cícilia. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. Revista PCLA – Pensamento Comunicacional latino Americano. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco-Umesp, v.4,n.1, p.1-9, 2002. Disponível em: <www.metodista.br/unesco/pcla>. Acesso em 15 de setembro de 2019.

_____. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências**. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005

_____. **Rádio Comunitária, Educomunicação e Desenvolvimento**. In: PAIVA, Raquel. (org). O retorno da comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

_____. **Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária**. In: INTERCOM, 2006, Brasília. Anais eletrônicos... Brasília: UnB, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0094-1.pdf>>. Acesso em: 10 de abril de 2019.

PESSOA, Frederico. **O lugar fora do mundo: topografias sonoras do cinema documentário**. TCC (dissertação). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Escola de Belas Artes, 2011.

PINTO, Pâmela. Mídia regional: nem menor, nem maior, um elemento integrante do sistema midiático do Brasil. **Ciberlegenda**, n. 29, p. 95-107, 2014. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/download/649/35>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2020.

PLATÃO. **A defesa de Sócrates**. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, (Os Pensadores).

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

PRATA, Nair . **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PRETTO, Nelson; TOSTA, Sandra. **Do MEB à WEB. O rádio na Educação**, Autêntica, 2010.

RADDATZ, Vera. Rádio e internet: mais visibilidade para os direitos humanos. **Rádio-Leituras**, v. 4, n. 2, p. 70-88, 2013.

ROBERTSON, Roland. Globalization and the future of traditional religion. **God and globalization**, v. 1, p. 53-68, 2000.

RODRIGUEZ, Janete. **Atlas Escolar da Paraíba**. Editora da UEPB, João Pessoa, 1997.

RUAS, Cláudia. **Radiodifusão comunitária: uma estratégia para o desenvolvimento local**. Congresso da INTERCOM/2005 - Salvador (BA).

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Gislene. Para pensar critério de noticiabilidade. **Estudos em jornalismo**. Revista do programa de Pós-Graduação em Jornalismo e Mídia UFSC, Florianópolis, v. 2 n. 1, p. 95-107, 2005.

SILVA, Luiz. **Desafios e caminhos possíveis para uma nova concepção de imprensa do interior**. In: ASSIS, Francisco (Org). *Imprensa do interior: conceitos e contextos*. Chapecó: Argos, 2013.

SILVA, Ynaray. **Meios de comunicação e educação – o rádio, um poderoso aliado**. In CITELLI, Adilson (coord.). *Outras linguagens na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.

SIQUEIRA, Robson de Araújo. **Os calon do município de Sousa-PB : Dinâmicas ciganas e transformações culturais**. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de PósGraduação em Antropologia Cultural (UFPE), 2012.

Sistema Correio inaugura Rádio MAX e chega a 100% do estado. **Portal Correio**, João Pessoa, 2017. Disponível em < <https://portalcorreio.com.br/sistema-correio-inaugura-radio-max-e-chega-a-100-do-estado/>>. Acesso em: 19 de maio de 2019.

SOARES, Ismar. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014.

SOARES, Josemar. **São Gonçalo: Fragmentos da História**. 308 p. ISBN 978-85-916131-0-6. 2013.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUTO MAIOR, Gilson. **Rádio: história e radiojornalismo**. João Pessoa: A União, 2015.

STUMPF, Ida. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas. 2005.

TEMER, Ana. Gêneros e Formatos. In: MAIA, Juarez Ferraz de (Org.). **Gêneros e Formatos em Jornalismo**. Goiânia: PUC Goiás, 2011. p. 11-21.

THOMPSON, John. **A Mídia e a Modernidade: uma Teoria Social da Mídia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**, 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

VICENTE, Eduardo. Gêneros e formatos radiofônicos. S/d. Núcleo de Educação e Comunicação NCE-ECA/USP. Texto de apoio. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4675477/mod_resource/content/2/G%C3%AAneros%20Radiof%C3%B4nicos.pdf. Acesso em 11 de setembro de 2019.

VIGIL, José. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2004.

ZUCULOTO, Valci. **No ar – a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.

ENTREVISTAS

ALEXANDRE, Geralda. Presidente do Sindicato dos Professores Municipais de Sousa.
Entrevista a Enio Marques: Maio de 2020.

ARNAUD, Rafaela. Jovem estudante do curso de Direito da UFCG-Campus Sousa.
Entrevista a Enio Marques: junho de 2020.

BERNARDO, Geraldo. Ator, poeta e cordelista. Entrevista a Enio Marques: Maio de 2020.

CARVALHO, Maycon. Cineasta e produtor cultural. Entrevista a Enio Marques: Maio de 2020.

EDSON, João. Professor de letras do IFPB Campus Sousa. Entrevista a Enio Marques: maio de 2020.

FERREIRA, Natarajan. Gerente interino do Centro Cultural Banco do Nordeste – Sousa.
Entrevista a Enio Marques: janeiro de 2020.

GADELHA, Cacá. Vereador da Câmara Municipal de Sousa. Entrevista a Enio Marques.
Sousa: junho de 2020.

MATTOS, Walbert. Ativista cultural, ator e diretor teatral. Entrevista a Enio Marques: Maio de 2020.

MOTA, Sérgio. Pároco da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Entrevista a Enio Marques: Maio de 2020.

NÓBREGA, César. Advogado e ativista socioambiental. Entrevista a Enio Marques: dezembro de 2019.

OLIVEIRA, Geraldo. Poeta Repentista. Entrevista a Enio Marques: junho de 2020.

SANTIAGO, Pedro. Professor de sociologia do IFPB-Campus Sousa. Entrevista a Enio Marques: maio de 2020.

SILVA, Beto. Cinegrafista da TV Paraíba. Entrevista a Enio Marques: maio de 2020.

WAGNER, George. Radialista e advogado. Entrevista a Enio Marques: março de 2020.

WEBE, Afonso. Jornalista e radialista. Entrevista a Enio Marques. Sousa: junho de 2020

APENDICE A – ENTREVISTAS INDIVIDUAIS ESTRUTURADAS

ENTREVISTAS INDIVIDUAIS ESTRUTURADAS

Abaixo encontra-se a estrutura das entrevistas estruturadas realizadas com os representantes dos vários segmentos da sociedade de Sousa.

GERALDA ALEXANDRE –

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

- De início, até pensei que se tratava de um poema. Trata-se de uma matéria jornalística bem diferente, áudio documentário, com informações relevantes, uma verdadeira fonte de conhecimento.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

Para a cidade de Sousa precisa de inovar a sua forma de fazer jornalismo. Infelizmente, as rádios se restringem em fazer apenas um tipo de jornalismo, voltado mais para o lado político-partidário. Não que esse tipo de jornalismo não tenha suas positivities. Mas precisa-se inovar. O tipo de jornalismo apresentado no áudio trata-se de um informativo importante para que o homem sertanejo conheça sua região, saiba quais são os meios de minimizar os problemas que sempre fez a região ser vista como inviável.

RAFAELA ARNAUD –

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

Gostei muito das 4 reportagens por tratarem, de maneira muito especial, sobre o nosso sertão e, em especial, a minha cidade de Sousa, a qual sou muito orgulhosa de ter nascido e crescido.

Gostei bastante da reportagem sobre o "Vale dos Dinossauros" que trouxe algumas críticas quanto à manutenção do geoparque e também opiniões mais profissionais sobre a preciosidade que temos aqui e, por vezes, não damos o devido valor.

A reportagem sobre energia solar, por sua vez, achei bastante útil, principalmente porque ainda não temos uma utilização tão recorrente das placas fotovoltaicas. Acredito que seria

muito bom uma reportagem tratando, por exemplo, sobre as dificuldades enfrentadas para se ter a energia solar, pois na minha residência estamos no processo (inicial, ainda) de troca nos deparamos com muitas dificuldades, desde o financiamento até o contato com a empresa de distribuição de energia elétrica.

A reportagem sobre a representação artística na cidade de Sousa me emocionou bastante, pois graças ao Centro Cultural Banco do Nordeste, tive contato com boa parte das pessoas que deram entrevista e posso testemunhar que nossa cidade é realmente um berço artístico e que, graças ao CCBNB, isso está sendo mais reconhecido nos últimos anos. Inclusive, em 2014, tive o prazer de interpretar a personagem Perpendigna na peça de teatro de "A Eleição", citada na reportagem, para uma exposição da minha escola e na época tive a importante colaboração do Grupo Teatro Oficina.

Por último, mas não menos importante, apreciei bastante a reportagem sobre os assentamentos da reforma agrária. Confesso que não conhecia com tanta proximidade, apesar de conhecer algumas pessoas que moram nessas localidades que, por realizarem atividade agrícola, ajuízam ações de benefício previdenciário na Justiça Federal de Sousa/PB (local que estagio e sou conciliadora). A reportagem me deu a oportunidade de ver essas pessoas com um olhar mais humanizado e menos técnico, pois foi possível conhecer mais profundamente as dificuldades enfrentadas no cotidiano desses agricultores.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

Sim, e muito! No sertão, sinto que algumas rádios ainda estão imersas em uma produção arcaica, onde muitos programas são apenas palcos de brigas políticas entre A e B ou de reclamações feitas por moradores que se utilizam do rádio para serem ouvidos pelos agentes políticos da cidade. Por causa disso, sinto que muitos jovens, como eu, não possuem o costume de ouvir programas de rádio como ocorre com as pessoas mais velhas. Reportagens como essas enriquecem as rádios da nossa região e nos fazem ver esse meio de comunicação muito antigo, de uma forma mais enriquecedora. Sugiro ainda que as reportagens sejam colocadas em plataformas de streaming, como o Spotify e Deezer, pois assim seriam mais facilmente divulgadas na internet que, como sabemos, é o meio de comunicação mais utilizado, atualmente, pelos jovens. Através dessa divulgação, poderia se conseguir uma audiência maior também nos programas de rádio.

GERALDO BERNARDO –

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

A impressão que se dá é que se tem um trabalho bastante diferenciado, bastante inusitado para a região. Trabalho com edição e um trabalho que procura ver algo que é abundante na região mas que não está na pauta ou na grade das emissoras de uma forma tradicional ou nos programas que tem uma audiência generalizada porque esses programas, não necessariamente por ser popular, mas por serem comerciais, por servirem a interesses que não são do interesse geral, mas de pequenos grupos que hegemonicamente querem se colocar a frente na mídia. Eles não colocam nem em segundo plano, eles desprezam completamente quando se trata de um trabalho de jornalismo mais sério. Afinal, há poucos jornalistas na área radiofônica em Sousa. Eu não sei nem como mensurar estes números, mas os radialistas que exercem a função. a grande maioria estão a serviço de um pequeno grupo, que é um grupo de elite que quer esta mentalidade local bitolada e se tratar de temas diferentes disso pode atingir negativamente os interesses de quem sempre mandou nesta cidade.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

Claro que sim. E contribui positivamente. Além da própria história do jornalismo em Sousa, que é uma coisa completamente esquecida e não escrita. Você não tem obras de referência sobre o jornalismo em Sousa. Você tem casos de jornalistas que se destacaram e nem era jornalista. A maioria dos jornalistas diplomados na verdade nem exercem a profissão no município. Pelo menos na minha geração, isso foi muito recorrente. Alguns que tinham que exercer esta função saíram da cidade porque era de outro tipo de mídia e aqui esses veículos não circulavam. O rádio que fincou raízes aqui, ficou para grupos políticos e servem muito mais como palanque permanente. Então, esta forma de se fazer o rádio com mais profissionalismo, zelando pela ética, zelando pelo academicismo, zelando principalmente por personagens que deliberadamente foram colocados à margem de todo o processo histórico contribui para mudar mentalidades. Se este tipo de jornalismo teria espaço para figurar entre os grandes de audiência, eu diria que não. Por que? Porque infelizmente é preciso todo um processo de educação que passa também pela educação formal nas escolas, que passa pelo conhecimento dos valores do que é política, cultura local que são marginalizadas pelo establishment dessa cidade e de tantas outras do porte de Sousa pelo Brasil afora.

MAYCON CARVALHO -

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

Escutando as reportagens identifiquei uma qualidade narrativa coesa, poética e informativa, em uma comunicação necessária para os ouvidos de quem conhece o lugar retratado. Esses assuntos que permeiam diretamente o sertão, traz a importância histórica para a própria comunidade. Apresentar ao mundo o atual cenário do semi árido no íntimo. É de encher os olhos a constatação da existência de um gotejo fértil nessa irrigação jornalística apresentada nas reportagens. Uma nova geração hábil e séria, que percebe o seu espaço e agrega as tecnologias para produzir material de qualidade.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

Evidente. A carência gigante de um conteúdo radiofônico de qualidade na região é incontestável. Eu, como conhecedor da grade de programação local, começo uma busca na tentativa de diferenciar os gêneros jornalísticos empregados nos programas diários, acabo assombrado, e não existe nada do gênero sendo empregada nas estações de rádio aqui. Se esse conteúdo viesse ser praticado no jornalismo local, primeiro iríamos encontrar um estranhamento, principalmente por toda uma geração formada pela indústria cultural, a mercadoria principal é das oligarquias políticas, rádios são arrendadas para plantarem visões politiqueras de determinados grupos, mas toda formação precisa de um início e de uma manutenção para gerar ressonância. E existe um potencial na comunicação popular, existindo a possibilidade de sustentar esse diálogo usando os meios de comunicação de massa será incrível.

JOÃO EDSON –

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

Achei que as reportagens são muito bem realizadas e bastante oportunas, tendo em vista que elas objetivam trazer novos olhares sobre o sertão que, infelizmente, ainda possui uma imagem bastante conservadora e depreciativa no que se refere ao seu próprio cenário e de sua gente.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

Acho que o gênero pode contribuir muito com o jornalismo local, tendo em vista que, pelo menos aqui em Sousa, onde conheço um pouco a realidade, o sistema de radiodifusão tem

uma profunda penetração no imaginário das pessoas e pode, dessa forma, contribuir demais para a desconstrução de velhos estigmas ao tempo que inaugura novas percepções de si mesmo e do outro.

NATARAJAN FERREIRA –

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

A reportagem/programa de apresenta de forma bem diversificada, alternando entre temáticas de teatro, música, poesia. Ao saltar entre as narrações das histórias de personagens da cultural local, consegue prender o ouvinte na narrativa porque foi bem escrito o roteiro que faz a costura entre os núcleos das histórias e suas temáticas.

O conteúdo também funciona como um almanaque para conhecimento geral de personalidades que são destaques na nossa cidade.

Como representante do Centro Cultural Banco do Nordeste, fiquei lisonjeado pelas menções que foram realizadas diretamente pela narração da reportagem e também pela atriz Dona Carminha. Ouvir este registro sobre a existência e atuação do Centro Cultural Banco do Nordeste – Sousa também é um reconhecimento ao trabalho desenvolvido como política de desenvolvimento regional do Banco do Nordeste no sertão paraibano.

Além disso, é muito prazeroso encontrar no programa as referências de pessoas da nossa própria cidade, fazendo com que seja possível conhecer personagens importantes de nossas artes e cultura, possibilitando descobrir como elas começaram a desenvolver suas aptidões dentro de suas respectivas áreas.

O fato de contar a história dos grupos e artistas locais também faz da matéria jornalística um documento que serve de referencial histórico para a posteridade, ou até mesmo de fonte material para o desenvolvimento de estudos e compartilhamento de informações em escolas ou universidades.

A reportagem serve também de ponto de partida para construção de crítica (e autocrítica) dos agentes culturais locais que, ao rememorem e contarem suas histórias, conseguem fundamentar a busca por melhorias de seus trabalhos, indicando os pontos de acerto marcantes e os pontos altos que foram diferenciais em suas trajetórias.

Ao inserir os atores, poetas e músicos locais no conteúdo da matéria, com certeza a autoestima destes artistas é fortalecida, por estarem sendo reconhecidos como fazedores de cultura referenciais na cidade.

Outro aspecto que achei digno de nota foi o fato de que a matéria conseguiu transportar os sons e ambientações da feira popular para dentro de seu conteúdo. É um recurso bastante diferente de se destacar, quando as pessoas estão acostumadas a escutar com mais frequência apenas o som estéril dos estúdios.

Ao inserir os ruídos característicos de feiras populares, acredito que o programa aproxima o ouvinte de uma experiência sensorial mais rica.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

Acredito que jornalismo sousense (não apenas este, mas o jornalismo do estado e da região Nordeste) pode em muito se enriquecer através da disponibilização de materiais jornalísticos com características semelhantes à série “Um outro Ouvir sobre o Sertão”.

Apesar de não ser um estudioso da área específica, como ouvinte e cidadão do sertão paraibano entendo que a série por si só já representa muitos aspectos que são diferentes do jornalismo que somos acostumados a ouvir nas rádios de nossa cidade, geralmente ligado ao sensacionalismo de cunho político ou que reforça facetas das características tradicionalistas – com raras exceções.

“Um outro Ouvir sobre o Sertão” demonstra ter sido uma matéria lapidada zelosamente, isto é, transparece que houve um trabalho de curadoria e pesquisa, de estudo, de busca, roteirização e edição. Acredito que este seja uma contribuição que deveria ser notada por outros profissionais e iniciativas jornalísticas da cidade, porque perpassa para o ouvinte que o conteúdo que está chegando para ele foi construído com profissionalismo, com dedicação e esforço.

Além disso, o conteúdo desta reportagem como um produto resultante de um estudo, de uma pesquisa, não se apresenta como objeto acadêmico de difícil compreensão. Serve como forte contraponto para demonstrar que é possível fazer conteúdo jornalístico acessível à população em geral, mas rico em conteúdo e referências. É possível ser popular sem ser popularesco no sentido da banalidade, sem apelar para pautas bombas difamatórias.

De outro modo, é certo que o rádio é meio de comunicação que atinge a massa popular com facilidade. No entanto, é preciso distinguir que o conteúdo da rádio pode ser popular e não necessariamente ser local, principalmente quando apenas reproduz os produtos culturais que estão em alta homogeneizados em outros eixos midiáticos.

Assim, os conteúdos relacionados às culturas e artes de Sousa e do sertão são ainda mais difíceis de se ouvir na rádio local, de forma que é muito comum o povo desconhecer suas próprias referências. Com certeza, reportagens deste gênero tem a contribuir para o fortalecimento da nossa identidade cultural local, fazendo com que nós, seus ouvintes e consumidores, também possamos nos sentir ao mesmo tempo agentes de construção, base e referência para a criação de conteúdos de qualidade.

CACÁ GADELHA –

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

O jornalismo que informa, que traz a história do nosso município, como você fala do Vale dos Dinossauros, da desapropriação de terras, você fala da agricultura sustentável ou da autosustentabilidade na agricultura aqui na região do Assentamento Floresta. E são programas extremamente importantes não só a título de informação como até de incentivo para que outras pessoas possam fazer o mesmo e atinar a todos os sousenses, os sertanejos e por que não dizer os paraibanos? da importância do que é o Vale dos Dinossauros para a nossa cidade, para a nossa região. Um grande polo turístico que nós temos e que falta a iniciativa do poder público para explorar ainda mais fazer com que o polo possa trazer muitos turistas para nossa cidade, gerando assim emprego e renda. A gente vive um momento muito difícil por conta da pandemia e que com certeza, depois dessa pandemia deve ser pensada um nova Sousa assim como todo mundo irá repensar as suas vidas, o modo de agir, as pessoas vão ter que se reinventar, muita gente vai ter que se reinventar economicamente falando.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

Eu acho de extrema importância e salutar este programa, informativo, educativo, elucidativo. despertando para que todos os sousenses possam dar uma importância ainda maior a todo o acervo que nós temos cultural, intelectual. O peso que nós já tivemos na economia paraibana na área da pecuária, da agricultura lá atrás e agora com um comércio muito forte em atacado e varejo. Nós temos aqui grandes empresas que empregam muita gente, podemos citar como

referência: o laticínio Belo Vale, que é a nossa ISIS, a sorveteria Mareni que hoje é uma marca consolidada em quase todos os estados do Nordeste. Então, programas como esse enriquecem muito a nossa cidade. Programa que informa, que alerta, que traz conhecimentos e que expande e muito toda a abrangência da história de Sousa e que possa continuar este tipo de jornalismo. Um jornalismo que não se volta ao jornalismo tradicional de Sousa. que se volta quase 90 por cento para a política. Você está fazendo uma política, mas uma política voltada para informação, para educação, para o autoconhecimento de todos os sousenses.

WALBERT MATTOS -

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

As minhas impressões foram as melhores possíveis, me sinto contemplado e respeitado por esse tipo de reportagem. As personalidades artísticas foram muito bem escolhidas, todavia, existem outras categorias bem mais marginalizadas, como a Cultura Popular da zona rural, os grupos de Hip-Hop na periferia da cidade, as Escolas de Samba, as Quadrilhas Juninas e tantas outras manifestações que estão à margem. A musicalidade que compõe o fundo musical da matéria foi muito bem escolhida, também me identifico muito, mas senti falta da presença dela no meio da reportagem, ficou baixa ou quase ausente em comparado ao início e fim da gravação (mas acho que pode ser sua proposta). Senti falta dos créditos editoriais.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

Sousa e região sempre foi carente de programas jornalísticos que atendessem de forma digna as demandas culturais, em especial a da cultura popular e as que estão à margem. Gostei muito e acho que é extremamente necessário. Sempre pensei em compor ou incentivar algo nesse nível, pois os concorrentes/usuais estão ricos em desafetos, exploração da deficiência alheia e dos cultos midiáticos que exploram o apelativo em detrimento do conhecimento.

PADRE SÈRGIO MOTA–

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

Ao ouvir cada uma das reportagens produzidas, percebe-se, por parte do produtor, um claro desejo em valorizar e resgatar elementos que pertencem ao patrimônio histórico, cultural e humano do município de Sousa – PB, que muitas vezes é desprezado e esquecido pela grande maioria das pessoas. É digno de nota que os entrevistados não são indivíduos quaisquer que foram encontrados na rua para expressarem suas opiniões subjetivas, mas são pessoas minuciosamente escolhidas, que responderam com propriedade cada uma das perguntas. As respostas eram verdadeiro resultado de experiências de vida, e não meras suposições. O entrevistador conseguiu encontrar as pessoas certas e fez com que os ouvintes pudessem ser devidamente informados sobre cada uma das temáticas apresentadas. Merece destaque a reportagem sobre o Vale dos Dinossauros, que apresenta uma singular riqueza presente apenas em raras localidades do mundo.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

As reportagens trouxeram temas de relevante importância para os habitantes da região polarizada por Sousa – PB e para pessoas de outras regiões que gostam dos assuntos tratados. Todas as matérias foram muito bem produzidas, o texto utilizado é esclarecedor, objetivo e acessível a todos os possíveis ouvintes. Sem sombra de dúvida, o gênero jornalístico utilizado nas reportagens contribui sobremaneira para o aumento da qualidade do jornalismo local, que muitas vezes mantém seu foco em questões polêmicas, políticas ou criminais. De modo diferente, as matérias em análise promovem a elevação do nível cultural das pessoas e fazem com que se conheça mais profundamente as particularidades e riquezas da região.

CÉSAR NÓBREGA –

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

É uma matéria que vai além da notícia, do fato momentâneo. Ele traz uma historicidade, traz um aprofundamento que agrega vários elementos: a história, o conteúdo, ouvir as partes envolvidas que normalmente é usado em reportagem de vídeo, em matéria escrita, mas que o rádio pelo menos na nossa região não traz em sua grade editorial, em sua grade de programação. É interessante, é importante, ela traz uma investigação muito profunda e respeitosa que valoriza os personagens, que valoriza o respeito aos direitos humanos e que educa as pessoas.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

Sousa e região não utiliza o gênero reportagem em sua grade programação, em seus programas de notícia, em seus jornais haja visto, que as emissoras de rádio são vinculadas a interesses familiares, políticos ou empresários. Eu não conheço uma emissora de rádio com corpo editorial em haja participação da sociedade civil. É uma programação que às vezes é até fatiada, vendida aos radialistas. Então, é uma programação voltada para o sensacionalismo, a uma questão de tribuna e que diminui a qualidade do rádio. O que você traz, dentro dessa pesquisa trazendo a importância da reportagem nas emissoras de rádio em Sousa, é uma contribuição enorme, mas para que tenha um avanço é necessário dar continuidade a isso. Trazer isso para o seio do debate envolvendo os seus ouvintes e questionando das emissoras a não utilização.

GERALDO OLIVEIRA

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

Ah se Sousa tivesse outros jovens com essa visão enxergando e apoiando a cultura. Para mim isso é gratificante demais. Eu fiquei surpreso.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

De uma maneira geral sim. Isso aí reforça a cultura em todos os aspectos: a cantoria de viola, o cordel, a literatura, tudo que representa a cultura com este trabalho que você está fazendo só engrandece a cidade de Sousa, os artistas enfim. Você citou na reportagem Ivan Peter, Bartô Galeno, Geraldo Bernardo. Isso traz uma riqueza muito grande. Este trabalho que você faz de alma e coração. Você está reforçando todos os laços da cultura, a viola, o forró pé de serra, artistas regionais, os cantadores, os aboiadores, os locutores enfim. É muito gratificante. Daqui há 10 ou 20 anos, se o mundo existir, vai ficar muito bem representado, Sousa vai crescer muito. Porque este trabalho é bonito de apoio e incentivo aos jovens, aos poetas. A cultura só tem a ganhar com a adesão de locutores, jornalistas ou repórteres a este trabalho.

PEDRO SANTIAGO –

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

A proposta se iniciava como uma narrativa que envolve o ouvinte. Os efeitos sonoplásticos agregam às matérias e as entrevistas apresentadas. Os cuidados com as escolhas das palavras do narrador acrescentam esmero para o trabalho apresentado.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

Claro que contribui para o jornalismo local, principalmente, porque a região tem a cultura muito forte de ouvir rádio.

Acredito que as pautas e matérias trazidas pelas reportagens são de grande valia para o debate que pode ser fomentado sobre as possibilidades e potenciais existentes na região e alguns dos autores envolvidos nas ações citadas.

Estes conhecimentos trazidos pelas reportagens contribuem enquanto utilidade pública para a população local e segue enquanto informacional tanto no âmbito nacional quanto internacional.

BETO SILVA –

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

Eu achei fenomenal. Rico em sensibilidade e informação. Dá para viajar como quem lê um livro e imagina as cenas relatadas na reportagem. A sonorização deu uma emoção a parte. A narração muito bem entonada e bem interpretada. Produção muito bem-feita com personagens excelentes. Só que achei muito longas as reportagens. Podem ser mais curtas. Tempo é ouro. Tenta enxugar mais e deixar mais curto, ficou muito bom mas ficaram acima de 10 minutos. Se o programa for diário fica muito complicado de produzir porque requer tempo para isso e principalmente se o programa tiver 1 hora no ar. Mas, se o objetivo for para programas especiais, aí sim, na minha opinião pode ser um pouco maior mas ainda acredito que 10 minutos seja muito tempo.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

Com certeza contribuirá para o jornalismo local. Por que é informação e informação de qualidade. Lógico que muitos colegas estão habituados com outro gênero, político, policial, fofoca, fakenews enfim. O público ouvinte cansa disso. Lógico que essas informações de factuais político e policiais tem que existir nos programas. Mas, notícias sobre cultura,

curiosidade de nossa região também tem que existir. Se a informação for de qualidade sempre terá público para consumi-la. Tenho certeza que são bem mais relevantes do que muitas notícias dadas em âmbito local. Tenha certeza que esse gênero só ajuda a população. Informa. Educa. E precisamos muito dessa mudança aqui que já estamos ultrapassados quando nos comparamos com linha editorial a nível nacional.

GEORGE WAGNER -

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

Este estilo de reportagem é a essência do jornalismo. Planta a semente da reflexão; exige do profissional a exploração do ambiente externo deixando o jornalismo trivial realizado basicamente nos estúdios e através de pesquisa nas redes sociais. Também tem a função social de trazer ao debate temas de reflexão para a sociedade.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

Reportagens mais trabalhadas representam importante contribuição para o jornalismo local. Quando se estimula o trabalho investigativo ganha-se em qualidade. Com esse tipo de jornalismo temos um texto mais trabalhado, que conseqüentemente estimula a qualidade das produções.

AFONSO WEBE –

1) Quais foram as suas percepções sobre a reportagem apresentada?

Trata-se de um excelente trabalho jornalístico com enfoque no serviço de prestação para que o ouvinte saiba das potencialidades da nossa região.

2) Você acha que este gênero jornalístico contribui de alguma forma para o jornalismo local? Por que?

O formato de reportagens é extremamente importante para ser implantado no jornalismo em Sousa. O jornalista usou método eficaz para divulgar os fatos. As reportagens são bem elaboradas, justamente pelos OFF's e os personagens que participaram.